

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Talita Deniz Amâncio

Um burel a plenos pulmões: atuação de Frei Pedro Sinzig na educação franciscana e imprensa católica (1900-1920)

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo

2014

Talita Deniz Amâncio

Um burel a plenos pulmões: atuação de Frei Pedro Sinzig na educação franciscana e imprensa católica (1900-1920)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação do Professor Doutor Mauro Castilho Gonçalves

São Paulo

2014

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Mauro Castilho Gonçalves, pela paciência em orientar esse trabalho.

À Professora Doutora Maria Rita de Almeida Toledo, pelas importantes contribuições no exame de qualificação. Agradeço igualmente ao Professor Doutor Kazumi Munakata, por contribuir no exame de qualificação e em minha formação.

Aos Professores e Professoras do EHPS, em especial, Daniel Ferraz Chiozzini e Katya Mitsuko Zuquim Braghini, pelas indicações de leituras, pelos puxões de orelha, pelas leituras atenciosas, pelo incentivo e pelo carinho.

À Betinha, por tudo.

À equipe da Biblioteca Pública de Santa Catarina: pela eficiência, competência e atenção com que me atenderam.

À Sandra de Souza, do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH), pelas longas horas dos sábados que passei solicitando sua ajuda.

À Dalva Angela Donizeti Machado, Eduardo Spejo e Michael Amâncio, minha família e meus “mecenas”, até a obtenção da bolsa concedida pelo CNPq. Principalmente pela paciência e compreensão em todos os momentos, incluindo os rompantes chorosos que tive.

Ao Izac Amâncio, por entender minha ausência.

À Paula, Marina, Samir e Isis: colegas de mestrado que acompanharam esse árduo processo bem de perto.

Às minhas amigas: Jaque Conceição e Camila Pinheiro, pela parceria “às vezes confusa, mas leal e intensa”. Aline Gonçalves, minha comadre, pela escuta paciente. Aline Prando e Naiane Lopes, por tudo.

Ao Dago e Soninha. O primeiro por me iniciar no mundo da pesquisa e me apresentar o frade que ele considerava “um perigo” ler. E a segunda, que é um pouco de tudo (amiga, professora e até mãe!), por ser uma querida interlocutora e me oferecer sua presença prazenteira: tem muito de vocês em mim e um pouco nesse trabalho.

Por fim, ao CNPq, pela bolsa concedida que possibilitou realizar essa pesquisa.

AMÂNCIO, Talita Deniz. 2014. *Um burel a plenos pulmões: atuação de Frei Pedro Sinzig na educação franciscana e imprensa católica (1900 – 1920)*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: História, Política, Sociedade – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientação: Prof. Doutor Mauro Castilho Gonçalves.

RESUMO

Trata-se de pesquisa histórica que teve como objetivo principal pesquisar aspectos da trajetória de Pedro Sinzig (1876-1952), frade franciscano, nascido na Áustria e naturalizado brasileiro. Foi ligado à imprensa católica e o responsável direto pelo processo de modernização da Editora Vozes, criada pelos franciscanos, em 1897, na então Tipografia da Escola Gratuita São José, em Petrópolis, município fluminense. O recorte cronológico que direcionou a pesquisa foi o período entre 1900 e 1920, por se tratar do momento de maior produtividade intelectual de Sinzig e por coincidir com uma série de acontecimentos no campo político e social da recém-proclamada República. O estudo se apoiou na análise de livros e artigos publicados em jornais da época, utilizando-se da análise da configuração textual. Para tanto, foram analisados os periódicos *Cruzeiro do Sul* (1902-1905), produzido por frades franciscanos e *O Imparcial*, publicado por membros pertencentes à maçonaria catarinense. Ambos os jornais circularam nos primeiros anos do século XX, na cidade de Lages, município de Santa Catarina, e pertencem ao acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC), em Florianópolis. Além dessas fontes, também foi utilizada uma autobiografia, que se encontra no acervo da “Coleção Frei Pedro Sinzig”, sob a guarda do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH), da Universidade São Francisco (USF). Com base nos resultados é possível afirmar que a experiência de Sinzig na educação franciscana foi breve, mas no campo da imprensa católica sua produção foi significativa, como, por exemplo, os debates com os maçons em defesa da “boa imprensa” e da educação católica.

Palavras-chave: Educação católica, Imprensa católica, Intelectuais católicos, Pedro Sinzig.

ABSTRACT

This is a historical research that aimed to research aspects of the trajectory of Pedro Sinzig (1876-1952), Franciscan friar, born in Austria and naturalized Brazilian. He was connected to the Catholic press and directly responsible for the process of modernizing the Vozes Publisher, created by the Franciscans in 1897, at the, Typography Free School St Joseph in Petrópolis, a town of RJ. The chronological approach that directed the research was the period between 1900 and 1920, because it was the moment of greatest intellectual productivity of Sinzig and because it coincides with a series of events in the political and social field of the just proclaimed Republic. The study was based on analysis of books and articles published in newspapers of the time, using the analysis of textual configuration. To do so, we analyzed the periodical *Cruzeiro do Sul* (1902-1905), produced by Franciscan friars, and *O Imparcial*, published by members of Santa Catarina's Freemasonry. Both newspapers circulated in the early years of the twentieth century, in the city of Lages, Santa Catarina, and belong to the Santa Catarina's Public Library (BPSC), in Florianópolis. In addition to these materials, an autobiography, which is in the "Coleção Frei Pedro Sinzig", under custody of the Center for Documentation and Research Support in the History of Education (CDAPH), Universidade São Francisco (USF), was also used. Based on the results we can say that the experience of the Sinzig in Franciscan education was brief, but in the field of Catholic Press production was significant, such as discussions with Masons in defense of "good press" and of Catholic education.

Keywords: Catholic Education, Catholic Press, Catholic intellectuals, Pedro Sinzig.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Capítulo 1 – A Igreja Católica na transição da Monarquia para República: aspectos históricos	12
1.1: Ordem dos Frades Menores no Brasil – breve histórico sobre estabelecimento e declínio	18
1.2: Lages: cenário da atuação de Pedro Sinzig	22
1.3: A chegada dos franciscanos	24
1.4: Imprensa e elite lageana: anseios de uma época, espaços criados e relações de poder	25
Capítulo 2 – Frei Pedro Sinzig: militância na imprensa católica e na educação	28
2.1: A vida breve do colégio São José (1899-1904)	28
2.2: Sinzig na imprensa lageana – espaço de disputa.	32
2.3 Sinzig em Petrópolis – estabilidade e sucesso editorial	48
Considerações Finais	51
Referências bibliográficas	53
Fontes	56
Anexos	57
Lista de tabela	
Tabela 1: Número de frades da Província Franciscana Imaculada Conceição (1863-1915)	18

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa foi analisar a trajetória e a atuação de frei Pedro Sinzig, no sentido de compreender o espaço que esse religioso ocupou em uma rede de intelectuais católicos ligada à imprensa e à educação escolar nas primeiras décadas do século XX. Vale salientar, de início, que o presente estudo não se pautou pela perspectiva biográfica, mas privilegiou os momentos em que sua participação nos dois setores acima referidos foi decisiva no delineamento da luta católica no período em tela.

Pesquisas anteriores sugerem resultados da atuação desse sujeito, dentre as quais, destacam-se: Aparecida Paiva (1997), com a obra “*A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*”, resultado de seu doutorado em literatura comparada. Paiva estudou Frei Pedro Sinzig como censor de livros e leituras consideradas impróprias para “gente de alma limpa”, o estudo dessa autora se concentra no exemplar de “*Através de romances: guia para as consciências*” de autoria de Pedro Sinzig, publicado pela primeira vez em 1915 e reeditado em 1923. Trata-se de “um livro de censura católica aos romances onde o autor comenta, em pequenos verbetes, vinte e um mil quinhentos e cinquenta e três livros de seis mil seiscentos e cinquenta e sete escritores.” (Paiva, 1997, p. 22). Nessa mesma direção, destaca-se a dissertação de mestrado *Os jardins abençoados de um franciscano: discurso sobre a leitura de Frei Pedro Sinzig*, de Santos (2005), que analisa o modo como o franciscano concebe a leitura, o que se recomenda ler, o que deve ser banido e os males que a má leitura poderia provocar. Sobre a história da Editora Vozes, tem-se como referência o livro organizado por Andrades (2001), cuja pesquisa foi feita em comemoração ao centenário da editora, que conta a história desde a fundação aos dias atuais. Já o estudo de Assis (2008), no campo da educação, revela *A concepção de educação na Revista Vozes*, no período em que se debatia a LDB de 1961, foram analisados pela autora os artigos publicados na Revista Vozes em que se discutiam educação.

Todos esses estudos em algum momento trazem elementos acerca da atuação de Pedro Sinzig, seja como censor de livros, seja como diretor da *Revista Vozes*, fase da trajetória em que já está adaptado ao Brasil. Não se fala sobre Pedro Sinzig, recém-ordenado, recém-chegado, silenciado por outras vozes que não as da Igreja, mas, sim, por resistentes representantes da maçonaria, do secularismo e do republicanismo. O que a pesquisa traz é justamente essa história do incômodo causado por Sinzig, face que só foi possível ser contada

a partir da leitura atenta da série de exemplares do *O Imparcial*. Quando no exame de qualificação, foi sugerida pela banca a utilização desse jornal que apenas era mencionado no texto de qualificação e ocupava um papel coadjuvante no todo. Continuaría coadjuvante se na busca fosse encontrado um número maior de exemplares do *Cruzeiro do Sul*, o que não aconteceu.

Parti para Florianópolis na esperança de encontrar esse periódico redigido por Frei Pedro, para contar como foi o início de sua atuação na imprensa católica, e talvez, confrontar essa produção com a do jornal *O Imparcial*; mas com oito exemplares de meses distintos, isso não seria possível. O que encontrei foi justamente um número significativo de exemplares do outro periódico, o periódico escrito por membros da maçonaria.

Encontrei nas páginas do *O Imparcial* a história de um grupo político bem estabelecido, que em seu semanário, aspirava por modernidade e pelo progresso de uma cidade do planalto catarinense: Lages; cidade que não possuía colégio secundário, nem hospital, mas que tinha uma próspera loja maçônica e um clube literário, fundado pelo mesmo grupo de senhores que fundaram não só um, mas dois semanários, que circularam com periodicidade e se mantiveram por mais de um ano.

Mais do que o incômodo causado pelo jovem frade, é possível notar o ambiente de tensão entre Igreja e maçonaria, que representava em Lages um foco de resistência a atuação dos franciscanos recém-chegados, e ao mesmo tempo as alianças entre os dois grupos no sentido de ambos se beneficiarem: os maçons que desejavam um Colégio Secundário nos moldes do Ginásio Nacional, e os franciscanos que queriam implantar o catolicismo romano e suprimir o catolicismo popular, e a secularização da cultura.

A. Fontes

Documentos eclesiásticos:

- Humanum Genus – Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Leão XIII, sobre a Maçonaria (1884);
- Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro (1890);
- Os abusos e males da imprensa – Carta Pastoral Dom Eduardo Duarte Silva, sobre a Imprensa (1902).

A separação entre Estado e Igreja em 1890, a religião católica deixando de ser a religião oficial do Estado, privilégio instaurado no período imperial, fez com que o episcopado brasileiro se mobilizasse e respondesse ao decreto de 7 de janeiro de 1890. Na

Pastoral Coletiva de 19 de março de 1890, o bispado brasileiro condena principalmente os artigos que dizem respeito ao casamento civil a realizar-se obrigatoriamente antes do religioso, a secularização dos cemitérios, o impedimento dos religiosos de votarem nas eleições e a proibição do ensino religioso nos estabelecimentos de ensino público. Outra preocupação da Igreja nesse período é o crescente número de publicações: livros, panfletos, jornais, entre outros, principalmente os de caráter anticlerical e os romances “sujos” e “impróprios” para as famílias, jovens e donzelas de orientação católica. A Carta pastoral *Os abusos e males da imprensa* de autoria do então Bispo de Goiás expressa essa preocupação e busca orientar principalmente o clero para aumentar o número de publicações da Igreja. A utilização dessas fontes se fez importante para compreender o pensamento católico e a movimentação da Igreja nesse período.

Periódicos:

- O Imparcial (1901-1903);
- Cruzeiro do Sul (1902).

Livros:

- *Reminiscencias D'um Frade*, (Sinzig, 1917). (Livro) – Autobiografia escrita por Frei Pedro Sinzig; Livro autobiográfico publicado em 1917 e reeditado em 1925. A primeira edição é ilustrada com as fotografias que o próprio autor fez pelos países onde passou, entre eles destacamos: Áustria (país de origem), Alemanha, França, Roma e Portugal. A segunda edição de 1925, conta com ilustrações de Hans Nöbauer (1893 – 1971), pintor e aquarelista vienense que viveu boa parte de sua vida no Brasil. Foram consultadas ambas as edições. Com exceção das ilustrações, a segunda edição em nada altera o texto apresentado na primeira.

- *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro* (Röwer, 2008). (Livro) – No arquivo da Província Franciscana Imaculada Conceição do Brasil – SP, foi localizado um livro sobre a história da ordem dos franciscanos no Brasil, por Frei Róger Brunório (OFM). Frei Róger, que é museólogo, foi organizador da quarta edição do livro de Frei Basílio Röwer (OFM) (2008), utilizado na pesquisa. O livro de Röwer oferece subsídios para conhecer a história da Ordem dos Franciscanos no Brasil: como se organizaram, sua relação com o império, o declínio e seu período de restauração. Frei Róger Brunório, além de organizador do livro, é também autor do glossário de termos específicos integrado ao final dessa quarta edição.

A primeira edição do livro foi publicada em 1937. De acordo com o apresentador da quarta edição, Frei Clarêncio Neotti (OFM), quando Frei Basílio Röwer (1877 – 1958), chegou ao convento Santo Antônio do Rio de Janeiro, nas suas horas vagas, realizou uma pesquisa nos arquivos do convento, que reunia a história dos mais de trezentos anos da ordem franciscana no Brasil. Röwer recebeu o doutorado *honoris causa* pela Universidade São Boaventura, de Nova York. Junto a Frei Pedro Sinzig, Frei Basílio Röwer é tido por Miceli (1988) como historiador franciscano. O rigor de ambos os franciscanos com a pesquisa histórica é tamanho, que citam diversos autores, obras de referência, datas etc. Foram também membros do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro, e publicaram diversas obras sobre diversos temas, em sua maioria música e arte sacra.

B. Procedimentos metodológicos

Para a pesquisa foram analisados oito exemplares do *Cruzeiro do Sul* do ano de 1902, ocasião da fundação do jornal e vinte e oito exemplares do jornal *O Imparcial*, do primeiro triênio de circulação do jornal: 1901, 1902 e 1903. Os jornais pertencem ao acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, estão organizados em um Catálogo (1990) que reúne jornais que circularam nos municípios do Estado de Santa Catarina de 1850 a 1989. A segunda edição desse Catálogo (2014), foi recém-lançada no final do mês de maio de 2014 e reúne obras catalogadas de 1830 a 2013, está disponível no site da Biblioteca.

Os jornais foram fotografados no mês de maio de 2014 para análise. Alguns estavam soltos, a maior parte estava encadernada, e em geral apresentavam bom estado de conservação e legibilidade. Há um projeto da Biblioteca para microfilmar, digitalizar e disponibilizar esse acervo na internet. Na semana seguinte a minha visita à Biblioteca, *O Imparcial* foi disponibilizado na Hemeroteca Digital Catarinense. Não foi feito um estudo sistemático dos jornais, mas sim, uma seleção de alguns elementos contidos neles, para remontar ao debate em torno da fundação do Colégio São José, à busca pela equiparação deste ao Ginásio Nacional, e posteriormente a seu fechamento, ponto de tensão das discussões nos jornais por ser Frei Pedro Sinzig o diretor da instituição nesse período crítico.

C. Procedimentos de pesquisa e análise

Os periódicos foram tratados na perspectiva da análise da configuração textual, que consiste em:

...nomear o conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturas-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. É, portanto, a análise integrada desses aspectos que propicia ao investigador: reconhecer e interrogar determinado texto como configuração “saturada de agoras” e “objeto singular e vigoroso”; e dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses. (MORTATTI, 2000, p. 31).

Assim, foi possível reconstruir o cenário em que viveu Sinzig quando esteve em Lages, bem como as dificuldades encontradas por ele para viver na cidade. Também foi utilizada como fonte secundária sua autobiografia, realizando-se um cotejamento entre ela e os jornais. Algumas perguntas foram feitas durante o tratamento do material: quem escreveu esses jornais? Por que escreveu? Para quem escreveu? Pode-se afirmar que o jornal *O Imparcial*, pretendia ser um local privilegiado de informações, com notícias do país e do mundo, propaganda e também humor. *O Cruzeiro do Sul* também traz algumas dessas marcas, no que diz respeito às notícias do Brasil e do mundo, mas tinha por propósito ser um periódico em que imperava o jornalismo sério, diferente do jornalismo “zombeteiro”, como é publicado uma de suas edições. Posteriormente, *O Imparcial* muda o seu foco: realiza propaganda dos feitos dos políticos locais e ora se alia aos frades, ora os combate. Quando o jornal *Cruzeiro do Sul* publica artigos em resposta aos do *O Imparcial*, os redatores (quando não, o próprio dono do jornal) publicam a tréplica. Longe da neutralidade, os dois grupos (tanto de maçons como de católicos) têm objetivos específicos com essas publicações, o que fica explícito em seus artigos: a defesa de seus ideais e o ataque de tudo aquilo (ou aquele) que se posiciona contra.

D. Divisão dos capítulos

O trabalho está dividido em dois capítulos assim dispostos: O primeiro capítulo abordará o cenário da Igreja Católica no Brasil no período de transição do final do século XIX e início do século XX. Preocupa-se em trazer algumas informações sobre a história da chegada da Ordem dos Frades Menores (OFM) no Brasil, bem como o declínio e reflorescimento dela com o processo de romanização, quando recebe jovens frades em sua

maioria da Alemanha. Entre esses jovens está Pedro Sinzig. Também apresenta a cidade de Lages quando da chegada de Sinzig: quem eram os nomes importantes, quem coordenava as publicações maçônicas, entre outras informações.

O segundo capítulo examina o conflito travado entre os maçons da cidade e Sinzig nos jornais, culminando para o fechamento do colégio fundado pelos frades, fechamento do periódico redigido pelo mesmo.

Capítulo 1 – A Igreja Católica na transição da Monarquia para República: aspectos históricos.

O presente capítulo ocupa-se em apresentar alguns aspectos considerados relevantes para a compreensão da movimentação do clero brasileiro na Primeira República, período político decisivo para a Igreja católica. No final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, clérigos e freiras de diferentes matizes missionárias europeias, chegam ao país para fazer frente aos religiosos com formação pautada no regime do Padroado. Para Caes:

O padroado teve sua origem no catolicismo medieval e constituía um compromisso entre Roma e a realeza de Portugal. Ao receberem do Papa o título de Grão-Mestre das ordens religiosas instaladas no território português, e em especial o Grão-Mestrado da Ordem de Cristo, os monarcas lusitanos adquiriram o direito de administrar as atividades e a economia da Igreja em Portugal, e o dever de zelar pelo bem espiritual das colônias. Dessa forma, o rei de Portugal tornava-se o chefe efetivo da Igreja em seus territórios. (CAES, 2002, p. 78).

Com o advento, no Brasil, do regime monárquico no início do século XIX, estabeleceu-se o regime de Padroado, isto é, a Igreja Católica submeteu-se à obediência a monarquia. As encíclicas e bulas papais necessitavam da aprovação da coroa para serem aplicadas. Com a Independência, a manutenção do regime de Padroado “foi objeto de disputa entre o Vaticano e o governo emergente” (RODRIGUES, 1981, p. 3):

Os estadistas da nova nação entendiam que os direitos do Padroado haviam sido herdados de Portugal: indicação pelo Imperador dos sacerdotes que preencheriam os principais cargos eclesiásticos do Império, e a exigência do beneplácito imperial para as bulas e breves dos Papas antes de serem aplicados no Brasil. O Vaticano jamais concordou plenamente com esta interpretação, principalmente com a exigência do ‘placet’ às bulas e breves pontifícios. Roma concedeu ao Imperador os direitos de padroado da Ordem de Cristo, mas não assinou nenhuma concordata, de modo que a concessão, a seus olhos, assumia caráter temporário. Era um ‘modus vivendi’ no qual Roma apenas tolerava o Padroado no Brasil. Na prática, o Padroado resultaria numa inversão da ordem dos poderes, de acordo com a doutrina da Igreja, ficando o *poder espiritual* submetido ao *poder temporal*. Sendo o Estado que pagava o clero, ficava este equiparado ao funcionalismo público. (RODRIGUES, 1981, p. 3, grifos nossos).

Os religiosos com um posicionamento mais liberal, formados sob o Padroado, participaram de um intenso debate no Parlamento entre os anos de 1827 e 1839, e em sua proposta de reforma

(...) traziam em seu conteúdo a perspectiva de um rompimento definitivo com Roma, por decidirem pela abolição do celibato, pelo fim da presença das ordens religiosas no Brasil e proporem a equiparação da autoridade dos Bispos nacionais à do Papa, requerendo para estes o direito de prescindirem da Cúria romana no ato de administrar as dioceses. (CAES, 2002, p. 81-82).

Grande parte destes religiosos, segundo Caes (2002), ficaram vulneráveis a “erros de conduta”, tais como o não cumprimento dos votos de castidade e obediência. O bispo da diocese do Rio de Janeiro, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araújo, em sua Carta Pastoral de 1840, apontou alguns problemas com o clero, esses problemas haviam de ser enfrentados:

Além da carência econômica, decorrente da baixa remuneração recebida do governo, ao clero faltava, segundo este prelado, não só a instrução adequada, como também disciplina e obediência aos princípios básicos da atividade sacerdotal, ou seja, o respeito aos votos, o compromisso de residir na paróquia, de ministrar os sacramentos e de dedicar-se à pregação e à catequese. (CAES, 2002, p. 83).

Era comum padres viverem fora das dependências da igreja, em alguns casos em concubinato e até terem filhos. Aproximadamente na década de 1860, passa a existir um choque de valores, que se inicia quando os candidatos à vida eclesiástica passam a estudar fora do Brasil e retornam com ideias ultramontanas. Dois tipos de religiosos coexistem no clero brasileiro nesse período: aqueles com uma mentalidade mais liberal, típica do regime de Padroado, e aqueles com espírito ultramontano. Na definição de Vieira:

Ultramontanismo foi um termo usado desde o século XI para descrever cristãos que buscavam a liderança de Roma (‘do outro lado da montanha’), ou que defendiam o ponto de vista dos papas, ou davam apoio à política dos mesmos. (...) O Ultramontanismo foi algo que cresceu vagarosamente no Brasil e, em geral, através da influência estrangeira. Às vezes, ideias ultramontanas eram trazidas por clérigos importados da Europa, outras vezes eram trazidos para cá por clérigos brasileiros educados no continente europeu. (VIEIRA, 1980, p. 32-33).

Um elemento importante a ser considerado na pesquisa, foi o conflito entre a maçonaria e a Igreja Católica. Diversos foram os documentos pontifícios que se posicionaram contra a maçonaria. Dentre eles, *Quanta Cura* (1864)¹ e o anexo *Syllabus Errorum* que seria um “catálogo de erros modernos”, escrita por Papa Pio IX (1846–1878) em que condena ideologias que contrariavam a visão católica da época, são elas: “o panteísmo, o naturalismo, o racionalismo, o indiferentismo, o latitudinarismo, o socialismo, o

1 Não foi possível localizar esse documento no site do Vaticano.

comunismo, as sociedades secretas, qualquer dúvida ou oposição ao poder espiritual e temporal da Igreja, as ideias sobre a separação entre os poderes civil e religioso. (CAES, 2002, p.68). Papa Leão XIII (1878–1903) por sua vez, com a Carta Encíclica *Humanum Genus* (1884) – *sobre a maçonaria*; retoma o histórico de encíclicas dos pontífices anteriores que mencionam a sociedade secreta:

(...) Nesta época, entretanto, os *partisans* (guerrilheiros) do mal parecem estar se reunindo, e combatendo com veemência unida, liderados ou auxiliados por aquela sociedade fortemente organizada e difundida chamada os Maçons. Não mais fazendo qualquer segredo de seus propósitos, eles estão agora abruptamente levantando-se contra o próprio Deus. Eles estão planejando a destruição da santa Igreja publicamente e abertamente, e isso com o propósito estabelecido de despojar completamente as nações da Cristandade (...)

(...) Em uma crise tão urgente, quando tão feroz e tão forte assalto é feito sobre o nome Cristão, é Nosso ofício apontar o perigo, marcar quem são os adversários, e no máximo de Nosso poder fazer uma barreira contra seus planos e procedimentos, para que não pereçam aqueles cuja salvação está confiada a Nós, e para que o reino de Jesus Cristo confiado a Nosso encargo possa não só permanecer de pé e inteiro, mas possa ser alargado por um crescimento cada vez maior através do mundo. Os Pontífices Romanos nossos predecessores, em sua incessante vigilância pela segurança do povo Cristão, foram rápidos em detectar a presença e o propósito desse inimigo capital tão logo ele saltou para a luz, em vez de esconder-se como uma tenebrosa conspiração; e, além disso, eles aproveitaram e tomaram providências, pois a eles isso competia, e não permitiram a si mesmos serem tomados pelos estratagemas e armadilhas armadas para enganá-los. (LEÃO XIII, 1884, p. 1-2).

Como já foi dito, bulas e encíclicas papais deveriam ter o beneplácito imperial para serem aplicadas no Brasil. Os documentos da Sé Romana que condenavam a maçonaria não tiveram a aplicação no Brasil, e os religiosos liberais ignoravam tais documentos, sendo comum a participação de membros do clero na maçonaria, que durante o regime de Padroado fizeram alianças:

Os maçons eram odiados pelo ‘partido ultramontano’, no entanto havia lojas maçônicas em quase todas as cidades e qualquer brasileiro ‘que desejasse ser considerado respeitável, pertencia à ordem’. Muitos padres católicos eram líderes dessas lojas maçônicas. (VIEIRA, 1980, p. 278).

O estudo de Barata (1999), evidencia que, com a proclamação da República em 1889, a Maçonaria (assim como a Igreja) vai se institucionalizar e ter um aumento vertiginoso de suas lojas em todo país:

Sem sombra de dúvida, com a República, a Maçonaria conheceu importantes transformações no seu processo de institucionalização. Além do expressivo aumento do número de lojas em funcionamento, verificou-se um processo de ‘nacionalização’ e de ‘federalização’ do movimento maçônico. Se, durante o Império, as atividades maçônicas se concentravam, principalmente, no Rio de Janeiro, o período republicano presenciou o fortalecimento da Maçonaria, não por acaso, em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia, estados que possuíam significativas representações no Congresso Nacional. (BARATA, 1999, p. 82-83).

O que faz a maçonaria recuar suas atividades é justamente o movimento de romanização efetuado pela Igreja, com a criação de novas dioceses, e, não por acaso, o período entre 1910 e 1920 “sinaliza um momento de refluxo no movimento maçônico” (BARATA, 1999, p.75), e estima-se que o número de lojas tenha diminuído em 16%:

Essa inflexão coincide com o auge do processo de ‘institucionalização’ da Igreja Católica (...) marcado pela criação de várias dioceses nas principais cidades do país; pela estruturação de uma ampla rede de alianças com os detentores locais do poder oligárquico, tendo o claro o intuito de consolidar sua influência política e neutralizar a ação de seus principais adversários. (BARATA, 1999, p. 75).

Segundo Miceli (1988), na década de 1870 reformas se iniciam na Igreja católica brasileira, que, durante as primeiras décadas século XX, passou por um processo de “construção institucional” (p.11). Religiosos com mentalidade ultramontana já haviam tomado medidas antes, no sentido de reformar o clero brasileiro:

Coube a D. Antônio Ferreira Viçoso — fundador e ex-diretor do Colégio do Caraça (MG) e Bispo de Mariana (1844–1875), o primeiro a ser indicado dentro da nova orientação política—, iniciar o movimento de reforma reativando o seminário de Mariana para formar seus candidatos ao sacerdócio e, depois, enviar a Roma, para completar a formação. (...) Assim, os novos padres, quando retornavam ao Brasil, estavam imbuídos do espírito de obediência e disciplina adquirido no período passado em Roma e familiarizados com as teses ultramontanas que permeavam a doutrina oficial da Igreja. (CAES, 2002, p. 85).

Na década de 1870 registra-se ainda a chamada Questão Religiosa (1872–1875), ou “Questão dos Bispos”:

A Questão Religiosa foi o conflito ocorrido entre os Bispos de Olinda, Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, e do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, e o governo imperial, devido ao impedimento imposto pelos mesmos

à participação dos membros da Maçonaria nas Irmandades dos referidos bispados. Os maçons recorreram ao Imperador para anular essa proibição, mas os Bispos mantiveram-se irredutíveis, fato que levou à prisão de ambos, causando um profundo desgaste nas relações entre a igreja e o Império. (CAES, 2002, p.10).

De acordo com Vieira (1980), Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844–1878) e Dom Antônio de Macedo Costa (1830–1891) fizeram parte da geração de jovens religiosos educados na França e em Roma, que ao retornar ao Brasil “tornaram-se porta-vozes do ultramontanismo” (p. 373), e iniciaram um movimento para banir dos seminários os religiosos brasileiros, e solicitar clérigos estrangeiros. O conflito aconteceu pelo fato de os dois Bispos aplicarem bulas e encíclicas papais que não possuíam o beneplácito imperial, e assim se deu a contenda entre os poderes eclesiástico e civil, que culminou com a prisão de ambos.

As encíclicas papais podem ser consideradas principais documentos de orientação ao bispado. As Pastorais Coletivas do Episcopado brasileiro foram documentos escritos pelos bispos brasileiros para orientar o clero e os fiéis sobre a postura que os católicos deveriam ter diante da República, podem ser considerados como documentos de ação católica. As cartas pastorais expressam preocupação com um determinado problema. Pode-se dizer que tanto as Pastorais Coletivas como as Cartas Pastorais seguem a orientação maior que são os documentos pontifícios (encíclicas papais), mesmo quando o que preocupa é um problema específico, regional, sempre seguem a orientação das cartas encíclicas. Também são documentos de orientação para os padres e para os fiéis:

Basta que o Estado fique na sua esfera. Nada tente contra a Religião. Não é só impossível, nesta hipótese, que haja conflitos; mas pelo contrário, a ação da Igreja será, para o Estado a mais salutar; e os filhos dela, os melhores cidadãos, os mais dedicados à causa pública, os que derramarão mais de boamente o seu sangue em prol da liberdade da pátria. (...) Não ponha a república estorvos às nossas profissões religiosas e às vocações sacerdotais; não condene os Sacerdotes católicos ao exercício das armas, violando a consciência deles e as leis da Igreja, que lhes proíbem tais exercícios, como incompatíveis com as funções sagradas e pacíficas de seu sagrado ministério; não nos prive da posse e administração de nossas propriedades, não estabeleça escolas sem Deus. (EPISCOPADO BRASILEIRO, 1890, p. 57).

Este trecho da Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1890 marca a reação dos bispos à proclamação da República. Com a separação entre Estado e Igreja, a religião católica deixando de ser a religião oficial do Estado, privilégio instaurado no período

imperial, fez com que o episcopado brasileiro se mobilizasse em resposta ao decreto. Nessa Pastoral, o bispado brasileiro condena principalmente os artigos que dizem respeito ao casamento civil a realizar-se obrigatoriamente antes do religioso, a secularização dos cemitérios, o impedimento dos religiosos de votarem nas eleições e a proibição do ensino religioso nos estabelecimentos de ensino público. Teve como principal redator Dom Macedo Costa, como já dito, foi um dos bispos condenados no governo monárquico na conhecida “Questão Religiosa”. A orientação final era para que a Carta Pastoral coletiva de 1890 fosse lida “nas missas, ou outros atos religiosos” onde houvesse “maior concurso de fiéis” e “distribuída em impressos, explicada detidamente com toda clareza” (p. 57).

Como consequência da intervenção da Monarquia e seus decretos, o cenário é o de uma Igreja enfraquecida no Brasil com o número do contingente eclesiástico drasticamente reduzido. A romanização do clero iniciou-se paulatinamente a partir da segunda metade do século XIX e alcançou seu ponto de tensão na década de 1870 com a já mencionada “Questão Religiosa”, mas foi de fato nos primeiros anos da República que esse processo de reformas, que Miceli (1988) definiu como “construção institucional”, se delineou maneira significativa, com a separação entre Estado e Igreja. Na urgência de aumentar o corpo eclesiástico e na impossibilidade da formação acelerada de religiosos em solo brasileiro, a hierarquia católica solicitou a Roma o envio de um contingente de missionários para contemplar uma necessidade pastoral. O pedido é atendido, e chega ao Brasil um número expressivo de padres, freiras e missionários oriundos da Europa, dentre eles franciscanos, dominicanos, salesianos e lazaristas, que assumem a tarefa de fundar colégios, além de realizar trabalhos caritativos e de assistência social. Novas dioceses (pelo menos uma por Estado) e paróquias foram criadas, com mais urgência no Nordeste, para conter o catolicismo popular e posteriormente no Sul e Sudeste. Esses religiosos europeus eram imbuídos de disciplina, obediência e aguerridos em defesa da Igreja:

Como a característica essencial do catolicismo romanizado era o combate à secularização da cultura e das instituições, especialmente o Estado, a espiritualidade passou a ser mobilizada como uma estratégia desse combate, reivindicando dos católicos uma atitude militante em defesa da Igreja e de seus objetivos religiosos e políticos. (CAES, 2002, p. 3).

Se até meados do século XIX o tipo de religioso predominante é o liberal, o perfil dos missionários se altera no início do século XX, passando a ser o do tipo romanizado, que acredita na infalibilidade papal, na missão do clero em recristianizar o país, elegendo a

imprensa e a educação escolar como ferramentas efetivas de combate à secularização. A partir dessa breve retomada da situação da Igreja e seus conflitos em fins do século XIX, o tópico a seguir busca elencar como o processo de romanização se intensificou com a separação entre Estado e Igreja, e a participação de religiosos estrangeiros nesse processo.

1.1 Ordem dos Frades Menores no Brasil – breve histórico sobre estabelecimento e declínio.

A Ordem dos Frades Menores refloresce com a chegada dos jovens franciscanos: “Os primeiros chegaram em julho de 1891. Foram bem mais de duas centenas os franciscanos alemães que vieram como missionários nas primeiras décadas do século XX, repovoando os velhos conventos, abrindo novos, revitalizando a vida franciscana no Brasil (...)”. (BRUNÓRIO, 2008, p. 306). Abaixo, a tabela mostra o expressivo aumento no número de frades a partir do ano de 1901:

Tabela 1.1: Número de frades na Província Franciscana Imaculada Conceição (1683–1915).

Ano	Número de Frades
1683	169
1675	250
1729	214
1740	300
1761	397
1764	481
1777	255
1848	48
1870	6
1886	1
1901	121
1915	218

Fonte: Frei Diogo Freitas OFM, 1922. (*apud* Sinzig, 1926, p. 127).

Por Ordem Religiosa entende-se uma “associação de indivíduos (homens ou

mulheres) unidos pelos mesmos votos (conselhos evangélicos – castidade, obediência e pobreza), vivendo em comunidade de acordo com uma Regra², sob autoridade de um superior.” (BRUNÓRIO, 2008, p. 305). Entre 1209 e 1210, em Roma se instituiu oficialmente a Ordem dos Frades Menores, com Regra aprovada pelo Papa Inocêncio III. O movimento contava então com doze frades, incluindo seu líder, o jovem italiano Francisco de Assis (1182–1226), filho de um abastado comerciante. O jovem Francisco decidiu-se por abandonar a vida farta para viver na pobreza, bem como os seguidores da ordem deveriam fazê-lo. Eles deveriam ter por princípio a adoção de uma vida extremamente simples, humilde e devota. Röwer esclarece que

São Francisco de Assis, o Santo Seráfico, fundou três Ordens, a saber: as dos Frades Menores, a das Senhoras Pobres (Clarissas) e a dos Irmãos da Penitência (Ordem Terceira Secular). A Ordem Primeira divide-se hoje em três ramos: Frades Menores, vulgarmente chamados Franciscanos; Frades Menores Conventuais, ou simplesmente Conventuais, também conhecidos por Minoritas na Europa; e Frades Menores Capuchinhos, ou simplesmente Capuchinhos. (RÖWER, 2008, p. 17).

O enfoque se dará sobre a Ordem dos Frades Menores (OFM), pelo sujeito da pesquisa pertencer a ela. Serão tratados nesse tópico: o estabelecimento dos franciscanos no Brasil, o declínio da Ordem, registrado desde meados do século XVIII, bem como seu reflorescimento com a proclamação da República. De acordo com Frei Basílio Röwer:

Os primeiros franciscanos, como é sabido, vieram para o Brasil em companhia de Cabral. Eram Frei Henrique Soares de Coimbra e companheiros. Apesar de chegarem outros nos decênios subsequentes, eram contudo, no dizer de Jaboatão, apenas “luzes errantes”. Em 1577, porém, o governador da Capitania de Pernambuco, Jorge Albuquerque Coelho, vendo os grandes serviços que prestava na capitania o franciscano português Frei Álvaro da Purificação, pediu por intermédio dele mais religiosos à Província dos Currais. Só o conseguiu em 1585, com a vinda de seis, aos quais em breve espaço juntaram-se muitos outros. Tornou-se possível, desse modo, fundarem-se sucessivamente diversos conventos no Norte³ do Brasil, e apenas sete anos depois, isto é, em 1592, foram dados os primeiros passos para o estabelecimento de um convento no Rio de Janeiro. (RÖWER, 2008, p. 18).

Frei Basílio Röwer (1877–1958) em seu livro sobre o Convento de Santo Antônio

2 Conjunto de princípios e normas que perfaz os Estatutos de uma Ordem Religiosa. (BRUNÓRIO, p. 305).

3 O autor refere-se a Norte no sentido de Nordeste. Os conventos franciscanos no Nordeste são: Olinda (1585); Salvador (1587); Igarauçu (1588); Paraíba (1589); Ipojuca e Recife (1606); São Francisco do Conde (Sergipe do Conde, 1626); Sirinhaém (1639); Paraguaçu (1669); Cairu (1650); São Cristóvão (Sergipe Del-Rei, 1657), Penedo e Alagoas (1660); e o hospício da Boa Viagem (Salvador, 1710). (Nota de 2008). (BRUNÓRIO, p. 307).

atribui três causas principais para a decadência da Ordem dos Frades Menores no Brasil, dentre essas destacamos duas: a interferência do governo nos assuntos e decisões internas da Ordem: “Colocamos em primeiro lugar a interferência do governo temporal nas coisas das Ordens Religiosas” (RÖWER, 2008, p. 194), somadas à Lei de proibição do noviciado:

(...) Pois bem, na interpretação do direito de padroado, o poder temporal agia unilateralmente, estendendo-se até às raias do absurdo. (...) Posteriormente o governo avocou a si um direito que não lhe competia todas as vezes que, com árbitro supremo, proibia ou autorizava a recepção de noviços, como frequentemente teve lugar na segunda metade do século XVIII e no tempo do Império. (RÖWER, 2008, p. 194-195).

A respeito da interferência governamental na recepção de noviços à carreira eclesiástica, Röwer elucidada:

Chegou ao auge essa prepotência em 1855, com o Aviso de 19 de maio, que proibia de todo a recepção de noviços com o fim de condenar à morte lenta as corporações religiosas. (...) Também em outros países, governos intolerantes sancionaram leis que dificultaram ou proibiram a recepção de noviços. (...) No Brasil, porém, um conjunto de muitas circunstâncias não permitia qualquer reação e por isso as Ordens Religiosas tiveram de suportar o jugo, com as suas consequências até o advento da República. (RÖWER, 2008, p.195).

Essas interferências externas causaram aos poucos, uma diminuição no número de frades e a impossibilidade de se formarem novos quadros, pois como citada anteriormente, a Lei de proibição do noviciado não permitia candidatos à vida eclesiástica. O Patrimônio da Ordem dos Frades Menores em grande parte lhe foi doado pelo governo imperial. Ao passo que os frades morriam e os conventos se esvaziavam, causando assim seu fechamento:

Em resumo: a decadência e o aniquilamento completo da vida monástica no Convento Santo Antônio, no século XIX (e pensamos que nos conventos das outras Ordens Religiosas foi também assim), foi produto de forças estranhas à Ordem. Estas precederam temporalmente a queda da disciplina monástica e do espírito religioso, produziram-no e acompanharam-no com a sua ação destruidora. Foi uma decadência produzida por um dinamismo de forças de fora para dentro e não de dentro para fora. É a conclusão que forçosamente se impõe a quem considera e aprecia os fatos historicamente. (RÖWER, 2008, p. 207-208).

A Ordem dos Franciscanos se organizava nesse período em duas Províncias⁴, a Província de Santo Antônio da Bahia, localizada na Bahia (concentrava os conventos⁵ das

4 Província: Conjunto de conventos cujo superior chama-se Ministro Provincial. (Idem, ibidem, p. 305).

5 Convento: Residência comunitária de religiosos (as). Caracteriza-se pelo estilo de vida segundo a Regra

regiões Norte e Nordeste), quando da proclamação da República contava com nove frades, e a Província da Imaculada Conceição, localizada no Rio de Janeiro (concentrava os conventos das regiões Sul e Sudeste), com apenas um frade.

Entre as centenas de franciscanos que vieram para esses conventos reabertos e repovoados, estava o jovem Sinzig. Frei Pedro Sinzig (1876-1952) nasceu em Linz, cidade localizada na Áustria. Filho de João Sinzig e Helena Meffert, proprietários de uma pequena loja de secos e molhados. Com pais católicos, recebeu educação católica e aos quinze anos (1891), ingressou no seminário de Harreveld, na Holanda. Em um trecho de autobiografia deixou explícito seu desejo de realizar missões em outro país:

A provincia franciscana da Saxonia, naquele tempo, não mandava religiosos para outras terras a não ser por excepção. Um dia, porém, estoura uma bomba no meio dos rapazes; vae de bocca em bocca um nome que até então quasi só conhecíamos da geographia, e que, de repente, se torna familiar, como si fosse de pessoa muito querida: *Brasil*. (SINZIG, 1917, p.61-62, grifos do autor).⁶

Em junho de 1893 o frade aporta na Bahia, em Salvador. Para seu ingresso definitivo na Ordem Franciscana, Sinzig necessitaria receber as Ordens Menores. As Ordens Menores eram assim denominadas, respeitando a seguinte sequência: ostiário, leitor, exorcista e acólito⁷. As Ordens Maiores eram o subdiaconato, diaconato, presbiterato e episcopado⁸. Cinco dias após sua primeira missa como sacerdote, Sinzig recebe ordens superiores para ir ao Sul, “da Bahia para Blumenau, em cujo collegio secundario deveria eu leccionar.” (SINZIG, 1917, p. 210). O primeiro município em que permanece é Gaspar, próximo de Blumenau, e meses depois para uma povoação chamada Santo Amaro de Cubatão, próxima de Florianópolis.

Como toda Ordem Religiosa, a dos franciscanos tem uma organização própria, e se reúne com frequência para tomada de decisões, deslocamentos, escolha do que os religiosos farão por determinado período. Essa reunião recebe o nome de Capítulo⁹. De acordo com

própria da Ordem e as exigências evangélicas da pobreza, castidade e obediência. Os habitantes de um convento não têm a chamada *stabilitis loci*, ou seja, o voto de estabilidade no mesmo lugar. (Idem, ibidem, p. 303).

6 Será mantida a grafia do original dessa e de outras obras apresentadas.

7 As quatro Ordens Menores foram extintas dos estatutos franciscanos, em razão das determinações do Concílio do Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII e concluído por Paulo VI. A esse respeito consultar LEXICON, 2003, p. 494.

8 Ibidem, LEXICON, 2003, p. 494.

9 Capítulo: Na terminologia franciscana, é a reunião de frades para decidir assuntos da fraternidade. Chama-se Capítulo Local se, da reunião, participam os frades de uma Casa. Chama-se Capítulo Provincial se participam todos os um grupo delegado de frades da Província. Chama-se Capítulo Geral se participam

Sinzig, em 1902 o Capítulo Provincial se reúne, e ele será nomeado Guardiã¹⁰:

A custódia, formada pelas casas franciscanas no Brasil, entretanto, tinha sido elevada á provincia, e realiza-se, a 22 de Janeiro de 1902, em Blumenau, o primeiro capítulo, com suas eleições de superiores e transferencias. (...) De noite, reunida toda a comunidade, é lido o resultado do capítulo, sendo ennumerados todos os conventos e, depois do nome do novo superior, o de seus coadjuutores. Ninguém interrompe a leitura, nem faz commentarios sinão em pensamentos. Subito, porém, estaco. E' que leram: <<Convento de Lages, Guardiã e Vigário: Frei Pedro Sinzig>>. Eu, Guardiã? Ridiculo: Sinto vergonha de mim mesmo. (SINZIG, 1917, p. 228-229).

O Guardiã do convento de Lages era até então frei Rogério Neuhaus (1863-1934) que, de acordo com Caon (1978), havia chegado à cidade de Lages no ano de 1892, dez anos antes de Sinzig, que talvez por ser mais jovem, e recém-chegado na cidade não se julgava capaz de assumir o cargo de guardião ocupado pelo colega. A pesquisa considerou a hipótese de que talvez Frei Rogério, no período em que permaneceu na cidade de Lages negociasse com os membros da maçonaria lageana. A análise das fontes confirma a hipótese, por diversas vezes o frade é citado de forma positiva nos periódicos de orientação maçônica, questão que será tratada no capítulo seguinte.

1.2 Lages: cenário da atuação de Pedro Sinzig.

O objetivo central desse tópico é apresentar a cidade de Lages antes da chegada de Pedro Sinzig. Pretende-se, em linhas gerais, abordar os assuntos mais debatidos na imprensa local, para identificar os sujeitos da elite lageana, como pensavam, e quais seus lugares de pertencimento e sociabilidade. Para tanto, foram analisados artigos publicados no jornal *O Imparcial*, local de atuação de grande parte destes representantes e um dos principais veículos de informação da cidade nas primeiras décadas do século XX. Os sujeitos foram escolhidos pela influência ou poder que exerciam na cidade, ou pelo destaque que ocuparam no conflito entre os periódicos.

Além do jornal supracitado, foi utilizado o Dicionário Político Catarinense (1994), que traz importantes informações sobre esses sujeitos analisados nesse capítulo: onde estudaram, atuaram, entre outras atividades que exerceram na cidade de Lages, dentre outros municípios

frades delegados de toda a Ordem. É no Capítulo que os frades tomam as decisões e organizam seus programas de vida e de apostolado. (BRUNÓRIO, 2008, p. 304).

10 Guardiã: Superior de um convento com direito a voto ativo e passivo no Capítulo Provincial. (BRUNÓRIO, 2008, p. 305).

do estado de Santa Catarina. Essas informações foram relevantes, pois auxiliaram na montagem de uma “estrutura de sociabilidade” configurada em Lages nesse período. De acordo com Sirinelli (1996):

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. (SIRINELLI, 1996, p. 248).

Outras duas pesquisas que deram suporte à produção desse tópico, foram as dissertações produzidas por Serpa (1989) e Nunes (2007). O primeiro estudo trata da transição do catolicismo popular para o catolicismo romanizado no Estado de Santa Catarina. O segundo estudo conta a história de dois assassinatos que aconteceram na cidade de Lages no ano de 1902: trata-se de Ernesto Canozzi, caixeiro viajante e o empregado que o acompanhava, Olintho Pinto Centeno. Seria um crime comum, se os supostos assassinos Thomaz Brocato e Domingos Brocato, não fizessem parte da alta sociedade lageana:

Os europeus que em Lages chegaram no período em questão, mais que habitantes, tornaram-se representantes da imagem civilizada que os lageanos tanto almejavam. Com os irmãos Brocato não foi diferente. Em pouco tempo protagonizavam os jornais como finos e elegantes. Thomaz se estabeleceu como médico. Domingos tornou-se sócio de uma farmácia, junto com outro italiano, o farmacêutico Luiz D'Acâmpora. Integraram-se rapidamente a configuração social local, frequentando o Clube 1º de Julho, a maçonaria, os espaços privados de algumas famílias. (NUNES, 2007, p.12).

Não fosse o crime e a investigação realizada na época, os lageanos não saberiam que se tratava de dois italianos que fugiram da Sicília para Buenos Aires, de Buenos Aires para o Rio Grande do Sul e depois para Lages, nem que Thomaz não era médico. Participaram do julgamento dois advogados cujos nomes estavam ligados ao de Frei Pedro: Manuel Thiago de Castro e João José Rath, que na ocasião foram advogados de acusação. Acontece que ambos se relacionavam de forma amistosa com os acusados. O primeiro, amigo e membro da mesma loja maçônica; o segundo era grato ao suposto médico por ter curado sua filha. O crime movimentou opiniões em Lages, e o trabalho de Nunes traz detalhes sobre as relações sociais entre os irmãos Canozzi e a elite local, da qual também faziam parte. Ambos os trabalhos citados, trazem elementos da cidade de Lages, como os costumes, histórias do imaginário popular, e os nomes de membros da elite dirigente da região.

1.3 A chegada dos franciscanos.

De acordo com Serpa (1989), a Ordem dos Franciscanos chega à Lages o ano de 1891, e no ano de 1908 será criada a diocese de Florianópolis. Essas medidas se deram, obviamente, através da expansão do catolicismo romanizado no Brasil, durante o processo de construção da identidade institucional da Igreja Católica já tratada no capítulo anterior. Ainda de acordo com o autor, Lages se tornou no planalto catarinense “o centro irradiador da ação pastoral da Ordem Franciscana”. (SERPA, 1989, p. 22).

Antes da chegada de religiosos (tanto de Ordens como de Congregações) no planalto catarinense era predominante o catolicismo popular, com festas que misturavam elementos do sagrado e do profano, curandeiros, participação dos leigos no lugar dos padres, benzeduras, entre outros elementos que o clero romanizado tratou de suprimir aos poucos na região: “Pela formação europeia, pode-se imaginar que as Ordens e Congregações religiosas estrangeiras impuseram à sociedade catarinense uma visão de mundo que não correspondia à nossa realidade social e cultural” (SERPA, 1989, p. 118). O clero romanizado, paulatinamente, foi ocupando-se em cristianizar, dentro dos princípios estabelecidos:

Numa região em que a Igreja Católica praticamente inexistia, em que o padre se confundia com os cidadãos comuns, em que o Bispo nunca fez visita pastoral e a autoridade pontifícia era desconhecida, os franciscanos introduziram os princípios hierárquicos da Igreja Católica. (SERPA, 1989, p. 159).

Para se fazer presente, angariar fundos e cumprir esse objetivo, os franciscanos se aliaram as elites locais:

A Ordem Franciscana, ao se estabelecer em Lages, procurou cercar-se do apoio das elites dirigentes locais, como forma de viabilizar seus empreendimentos como a criação de Igrejas e Capelas, fundação de escolas paroquiais. O fato de manter relações amistosas com os chefes políticos locais lhe possibilitava penetrar em todas as esferas da sociedade. (SERPA, 1989, p. 135).

De início, essa aproximação foi benéfica, pois possibilitou a realização de alguns empreendimentos, principalmente no campo da educação, como o Colégio São José (que será melhor tratado no capítulo seguinte) e a fundação de uma escola paroquial para pobres, que com a chegada das irmãs da Divina Providência à cidade, foi convertida em escola para educação de meninas. As instituições foram criadas por Frei Rogério Neuhaus, vigário

anterior a Pedro Sinzig:

O estabelecimento das irmãs da Divina Providência em Lages foi um projeto que, além dos interesses religiosos, estava profundamente relacionado com o intento civilizador que tanto pleiteavam algumas mentes não só lageanas, mas pensamentos de todo um segmento da sociedade brasileira. (NUNES, 2007, p.52).

Durante o vicariato de Sinzig, serão constantes os conflitos nos jornais, e isso fará com que as boas relações entre maçons e franciscanos aos poucos se desgaste, trazendo impactos para o Colégio São José.

1.4 Imprensa e elite lageana: anseios de uma época, espaços criados e relações de poder.

Segundo Caon (1978), o primeiro jornal a circular na cidade de Lages foi *O Lageano*, fundado no ano de 1883, e com base na segunda edição do Catálogo de Jornais Catarinenses (2014), pode-se afirmar que também havia outros periódicos que circularam no último decênio do século XIX, a saber: *Echo da Serra* (1885), *Porvir* (1885), *Escudo* (1886), *Gazeta de Lages* (1895), *O Município* (1896) e *Região Serrana* (1897). De acordo com os estudos de Serpa (1989) e Nunes (2007) que utilizaram como fonte *O Lageano*, *Região Serrana* e *O Imparcial*, nos jornais eram publicados artigos que iam ao encontro das discussões presentes nas camadas mais abastadas da sociedade lageana. Na pauta estavam questões como higiene e limpeza, caso do cemitério que se encontrava no centro da cidade:

A campanha em favor da transferência do cemitério durou até final do século XIX, quando foi designado, pela prefeitura, que este fosse estabelecido em um terreno público. A pousada dos mortos recebeu pompas, corpos que tiveram nomes bem consolidados socialmente enquanto vivos, receberam no cemitério Cruz das Almas, túmulos com decoração requintada. (NUNES, 2007, p. 46).

Outra preocupação dos lageanos expressa nos jornais era a aparência das ruas da cidade e a fachada das casas, como se nota em publicação do *Região Serrana*:

Nosso Município

Da iniciativa pública para o embelezamento da cidade, há de nascer necessariamente, para o mesmo fim, a iniciativa particular. Os proprietários cumprirão gostosamente a obrigação que lhes é imposta de conservarem caiadas as frentes de suas casas, assim como a amuração de terrenos dependentes. Dado este primeiro passo para o asseio, confortabilidade e elegância da sua residência, é muito natural que o proprietário não resista ao desejo que lhe virá espontaneamente, de substituir os vidros quebrados das vidraças, abolir as antigas e esquisitas meia portas. Então é o conseqüente e

inevitável gosto moderno na edificação dos novos prédios. (REGIÃO SERRANA, 23 de março de 1897; Apud NUNES, 2007, p. 46).

Temas afins à urbanização da pequena cidade também se destacam: iluminação pública, educação primária e secundária e bons hábitos de conduta social. De acordo com Nunes (2007), foi criado um Código de Posturas: “Em 1895, quando Vidal Ramos Junior assume como superintendente municipal, houve a adoção de um novo Código de Posturas, sancionado em 9 de julho do mesmo ano” (p. 47), ainda segundo a autora: “Há neste documento capítulos intitulados como “Hygiene e Saúde Pública”, “loucos e bêbados”, demonstrando, assim, uma preocupação muito mais severa com o espaço público do que os códigos anteriores.” (NUNES, 2007, p. 47). Durante um longo período essas e outras discussões ocuparam papel de destaque nas páginas dos diversos periódicos lageanos.

A análise das fontes e obras de referência revela que não só o corpo editorial dos periódicos analisados unia esses intelectuais, mas também, o Colégio onde estudaram (Colégio Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo, Rio Grande do Sul), a Loja Maçônica Luz Serrana e o Clube 1º de Julho, do qual todos faziam parte:

O Clube 1º de Julho seduz minha desassossegada perseguição histórica, pois muito mais do que o lugar destinado ao aprimoramento de seus membros e encontro sociais, este espaço, sintoma da proliferação em toda a civilização ocidental de organizações voluntárias decididas a cultivar os seus membros, foi um lugar de conchavos políticos e sociais praticados por seus sócios e administradores. O que mais atrai minha inquietação são os indivíduos que eram sócios e organizadores do clube, nomes como: *Vidal Ramos Junior*, José Augusto Neves, Caetano Vieira da Costa, Sebastião Furtado, Fernando Athayde, *Manuel Thiago de Castro*, *João José Rath*, entre outros. Grande parte desses senhores foram educados pelo colégio jesuíta do Rio Grande do Sul. (NUNES, 2007, p. 57, grifos nossos).

Dois nomes merecem destaque na análise realizada, são eles: João José Rath e Manuel Thiago de Castro: “Manuel e Rath, além de atuarem como advogados, eram figuras assíduas na imprensa lageana, participavam constantemente das publicações, escrevendo sobre variados assuntos.” (NUNES, 2007, p. 34). O primeiro foi um dos redatores de *Cruzeiro do Sul* ao lado de Pedro Sinzig: “João José Rath não era maçom, escrevia para o *Cruzeiro do Sul*, jornal dos franciscanos que eram contrários à maçonaria.” (p. 135), eram amigos unidos em torno do mesmo objetivo: levar a diante a publicação católica fundada em 1902 para fazer frente ao *O Imparcial*.

O jornal *Cruzeiro do Sul* publicava notícias sobre política, fatos cotidianos da região e

tornou-se um divulgador dos feitos franciscanos. João José Rath era advogado na cidade de Lages. Estudou no Ginásio Nossa Senhora da Conceição, no Rio Grande do Sul, era membro fundador e participante das atividades festivas, culturais e literárias do Clube 1º de Julho.

Por sua vez, o também advogado Manuel Thiago de Castro como João José Rath, estudou no Ginásio Nossa Senhora da Conceição. Sua biografia¹¹ revela ter sido político pertencente ao Partido Liberal Catarinense, eleito vereador à Câmara Municipal de Lages (1900-1903) e Deputado ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina, eleito nove vezes consecutivas: à 5ª Legislatura (1904-1906), 6ª Legislatura (1907-1909), 7ª Legislatura (1910-1912), 8ª Legislatura (1913-1915), 9ª Legislatura (1916-1918), 10ª Legislatura (1919-1921), 11ª Legislatura (1922-1924), 12ª Legislatura (1925-1927) e 13ª Legislatura (1928-1930). Na imprensa lageana foi redator de *O Lageano* (1891) e colaborador de *O Imparcial* (1902). Fundador de: *Gazeta de Lages* (1892); *O Município* (1896); *Região Serrana* (1897) e *O Conciliador* (1929), todos na cidade de Lages e de orientação maçônica. Manuel Thiago de Castro era maçom, pertencia a Loja Luz Serrana, localizada em Lages. Para Nunes:

A maçonaria, neste momento em Lages, funcionava como um foco irradiador de idéias do Iluminismo e da modernidade. Reunia no seu templo, sob o olhar do ‘pai universal’, aqueles mocinhos que lhes apresentei antes, ex-alunos do colégio jesuíta, sócios-fundadores do ‘1º de Julho’, entre outros. Estes sinhozinhos da Serra Catarinense se empenharam em tornar o ambiente em que viviam sintonizado com as tendências do período. (NUNES, 2007, p. 58).

Como se nota, a maçonaria em Lages ocupava um papel importante: reunia os jovens intelectuais que retornavam à cidade depois de formados não só por participarem da sociedade secreta, mas pelos mesmos ideais que congregavam, entre eles o desejo pela civilidade e pelo progresso de Lages.

João José Rath e Manuel Thiago de Castro protagonizarão a disputa por espaço nas páginas dos jornais que faziam parte: Rath por ser parceiro e defensor de Sinzig, Castro, por ser o responsável por um artigo em *Região Serrana* publicado também em *O Imparcial* onde critica Pedro Sinzig, conflito tratado com maiores detalhes no capítulo seguinte.

¹¹ Dados extraídos do Dicionário Político Catarinense (1994).

Capítulo 2 – Frei Pedro Sinzig: militância na imprensa católica e na educação.

Neste capítulo serão analisados alguns dos momentos determinantes da trajetória de Sinzig, notadamente sua atuação na imprensa e na educação católicas. A cidade de Lages, interior do estado de Santa Catarina, foi o cenário escolhido, por se tratar do local em que Frei Sinzig iniciou sua trajetória missionária e pastoral no Brasil. Por trajetória entende-se aqui o itinerário de Frei Pedro Sinzig até consagrar-se como sendo o sujeito que “deu voz a Vozes” (PAIVA, 1997), bem como aquele que dedicou sua vida eclesial para ser “o apóstolo da boa imprensa” (SANTOS, 2004). Como exposto no capítulo anterior, Frei Pedro assume o cargo de Guardião do Convento, incumbido então da tomada de decisões internas do Convento —, é o Superior. O guardinato tem duração trienal, e uma das vantagens daquele que é nomeado Guardião, é a de ter voto no Capítulo Provincial, isto é, na tomada de decisão dos rumos da Província Franciscana. Além de exercer o cargo de Guardião, no Convento de Lages Pedro Sinzig se tornou editor do periódico *Cruzeiro do Sul*, professor de música e diretor do Colégio São José.

2.1 A vida breve do colégio São José (1899-1904)

Poucas informações se tem a respeito do colégio São José. Sabe-se que foi fundado na cidade de Lages no ano de 1899 pelos frades franciscanos, que era uma instituição particular, voltada para a educação exclusivamente masculina. O colégio nasceu de uma aliança feita entre os políticos locais (boa parte pertencente à maçonaria) e os frades franciscanos. Aos primeiros caberia financiar boa parte do empreendimento, e aos segundos a administração da instituição. De acordo com Nunes (2008), esse tipo de aliança tinha por interesse principal atender a uma necessidade da região, a do ensino:

Ao enfatizar as relações entre a maçonaria e a igreja católica em Lages, insisto em argumentar: por mais que houvesse divergências, os interesses comuns, especialmente voltados para a educação, uniram padres e maçons em determinados projetos. Soa um tanto contraditório, já que os maçons pregavam a laicização do ensino; no entanto, as dificuldades de implantar uma instituição educacional na serra catarinense foram maiores que uma postura laica. (NUNES, 2008, p.148).

As fontes consultadas permitem afirmar que houve tanto por parte dos franciscanos

como dos maçons o desejo de equiparar a instituição recém-fundada ao Ginásio Nacional, mas não é possível assegurar, com base nelas nem nos estudos catarinenses de Dallabrida (2001) nem de Nunes (2008) se de fato a equiparação foi efetuada. O projeto de equiparação foi debatido nas páginas do jornal *O Imparcial*¹². O trecho abaixo permite pensar que a equiparação ocorre em agosto de 1903. Contou, na ocasião, com uma cerimônia com a presença de um fiscal da União, além de importantes políticos catarinenses:

Gymnasio S. José

Instalação – Inauguração de um busto – Discursos.

Foi uma festa digna de ser lembrada por muitos annos a que realisou-se no dia 11 do corrente no edificio do collegio S. José.

Ao meio dia, em ponto, presente no salão onde effectuam-se mensalmente as conferencias do <<Gremio Serrano>> grande numero de Exmas. Senhoras, auctoridades Federaes, Estadoes, funcionarios publicos e cavalheiros da elite, ao som de entusiastica marcha musical, chegava o cidadão Coronel Belisario Ramos, Superintendente Municipal, acompanhado de nosso colega Octacilio Costa, representante de S. Excellencia o preclaro governador do Estado Tenente Coronel Vidal Ramos Junior.

Após breve intervallo, o vigario da Parochia P. Pedro Sinzig subindo a tribuna, disse que, sendo aquella a primeira vez que se fazia uma reunião, no edificio do collegio após o descesso de S. S. o Summo Pontifice Leão XIII, pediu permissão do auditorio, para fazer um rápido esboço historico de sua vida, como successor de S. Pedro, como homem de saber Kaleidoscopico, como relicario das mais nobrecentes virtudes, como arbitro oraculador de tantas dissensões de que foi Theatro o mundo inteiro, nos últimos decenios do seculo passado.

(...) Deu a palavra ao Delegado fiscal do Governo da União, o provector educacionista Dr. Aurelio Castilho. S. Exc. leu bem lançado discurso, analogo ao acto, fazendo referencias, as mais lisongeiras, ás vantagens que da installação do Gymnasio e adoção do ensino official advirão do nosso Estado. Que, sob o ponto de vista intellectual, Lages marchava na vanguarda dos municipios que integralisam o territorio de S. Catharina. Que, na qualidade de fiscal, congratulava-se com os srs. Padres Franciscanos pela consecção desse desideratum, aliás, altamente patriotico e grandioso.

(...) Saudamos a Região Serrana e o Estado por mais esse passo galgado na escala do Progresso. (O IMPARCIAL, 15 de agosto de 1903, nº 12, p. 3-4).

Em texto autobiográfico, Sinzig afirma que houve a equiparação, que não havia nenhuma vantagem financeira nela, que era demasiado trabalhoso e caro mantê-la, e desistiu:

O *Collegio São José*, fundação de Frei Rogerio, conseguira neste mesmo tempo a equiparação ao gymnasio official. Foi uma aspiração da maior parte dos lageanos, pois não pouco contribuiu para dar valor a toda a região serrana, onde não havia outro collegio de tanta importancia.

12 Periódico de orientação maçônica fundado em 1901, financiado e dirigido por José Castello Branco. Será detalhado no tópico seguinte.

(...) —Sabemos—disseram alguns—que a perda da equiparação prejudicará toda a cidade, mas antes disso do que vêr esses frades gozar de semelhante superioridade. A's palavras seguiram-se os factos. Fazendeiros que vinham á cidade para matricularem algum filho no gymnasio São José, dos franciscanos, foram recebidos por *amigos* que os catechizaram até desistirem da pretendida matricula, levando-os para outra escola.

(...) Vantagens pecuniarias não havia. Muito pelo contrario, a equiparação obrigava a manter fiscal, á custa do gymnasio. Requeri, então, apoiado por alguns amigos, alguma subvenção do Estado. Um politico, porém, que era maçon e exercia um alto cargo, evitou que até entrasse em discussão o projecto de subvenção ao gymnasio da sua terra natal, quando, tres annos antes, conseguira do mesmo congresso um auxilio pecuniario de 3:6000\$000 em favor dum collegio de character leigo, cujos professores, em parte, só figuravam no papel.

(...) As hostilidades tornavam-se de tal modo accesas que, de accôrdo com os confrades e os superiores, resolvi renunciar á equiparação e rehver, desta maneira, maior independencia e liberdade. (SINZIG, 1917, p. 244-246).

Frei Pedro Sinzig era então nesse período o diretor do Colégio. O projeto de equiparação do colégio ao Ginásio Nacional foi apoiado pela sociedade lageana. Boa parte dos filhos da elite catarinense ia estudar fora de Santa Catarina, como evidencia o estudo de Dallabrida (2001). Eram enviados para o “Imperial Colégio Pedro II do Rio de Janeiro ou para o Ginásio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, fundado e dirigido por padres alemães” (DALLABRIDA, 2001, p.41-42). Em 1900, ano em que houve a equiparação do Ginásio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, a instituição contava com um número significativo de estudantes catarinenses:

Em 1900, ano em que o Ginásio Conceição foi equiparado ao Ginásio Nacional do Rio de Janeiro, o educandário contava com 444 alunos, sendo 267 internos, dos quais vinte eram de Santa Catarina. Mais da metade era proveniente de *Lages* e os demais eram de Campos Novos, Florianópolis, Itajaí, Tubarão e Joinville, indicando predominância dos alunos do *Planalto Serrano*. (DALLABRIDA, 2001, p. 42, grifos nossos).

Outra necessidade da região era a de formar professores primários, pois não havia curso normal na região. O colégio São José surge para atender também essa demanda, como se nota em trecho da propaganda de *O Imparcial*: “(...) Anexo ao Collegio acha-se um estabelecimento de ensino primário no qual é dada a alumnos occasião de prepararem-se theorica e practicamente ao professorado de instrucção primaria.” (O IMPARCIAL, 24 de janeiro de 1903, nº 84, p. 2). Nunes (2008), afirma que o colégio foi financiado com dinheiro público e com contribuição financeira de nomes importantes da cidade:

Várias forças foram localizadas no livro de frei Pedro Sinzig, muitas foram as participações financeiras: ‘a Câmara Municipal emprestou-nos, para a construção do colégio, a quantia de 8:000\$000, sem juros, a ser reembolsada dentro de dez anos. Alguns amigos, igualmente, emprestaram-nos dinheiro sem juros, em particular os Srs. Henrique Ramos, Belisário Ramos, Vidal de Oliveira Ramos, José Maria de Arruda’. Os senhores citados desfrutavam de grande influência na região e também circulavam pela maçonaria. (NUNES, 2008, p. 149).

No *O Imparcial* foi possível localizar uma publicação em que uma mãe agradece ao município por ter financiado os estudos do filho no colégio São José por três anos, uma espécie de bolsa de estudos:

PUBLICAÇÕES A PEDIDOS

Tendo meu filho Sebastião Ferreira Barbosa frequentado o Collegio S. José durante tres annos, ás expensas dos cofres municipaes, e obtendo elle durante esse periodo bons resultados, adiantando se satisfactoriamente, venho, em meu nome e de meu marido, testemunhar aos poderes publicos do Municipio a nossa gratidão, promettendo terminar a educação de Sebastião, com o fim de convencil-o de que elle é devedor do que sabe ao governo municipal, fazendo-o comprehender a sua obrigação, afim de que algum dia possa recompensar com serviços patrioticos aquelle acto de verdadeira caridade, que recebeu na sua juventude.

Lages, 31-12-1902. Anna Gonçalves Ferreira. (O IMPARCIAL, 10 de Janeiro de 1903, nº 82, p. 4).

A informação é importante, e permite pensar que o dinheiro público financiou não só a fundação do Colégio como Nunes (2008) localiza, mas também bolsistas com estudos custeados pelo município. Como é apenas um caso isolado citado no jornal, não é permitido fazer tal afirmação, a impressão é a de que a matéria trata mais de realizar uma propaganda positiva do poder público do que a de abrir precedentes a outros estudantes.

De início, a fundação e a equiparação do tão esperado colégio foi bem recebida, mas cada deslize dos frades foi motivo de exposição pública nas páginas de *O Imparcial*, com mais intensidade no ano de 1903, até culminar com o fechamento da instituição no ano seguinte. Talvez a instabilidade da relação entre maçonaria e igreja na cidade de Lages, tenha tido como pivô o contra-ataque das publicações no jornal católico fundado em 1902, pelos mesmos frades que fundaram o colégio. O jornal tinha como redator Pedro Sinzig, que coincidentemente será o principal nome hostilizado na folha maçônica, acompanhado do nome de seu parceiro e interlocutor de publicação, o advogado lageano João José Rath: “O capitão Rath, que, sob o pseudonymo *Juca*, trocava commigo (*Luiz*) <<Cartas intimas>>, no

Cruzeiro do Sul, em que commentavamos os factos mais recentes (...)”. (SINZIG, 1917, p. 246, grifos do autor).

De acordo com os estudos de Nunes (2008), os motivos para o fechamento do colégio nunca foram esclarecidos:

(...) Em 1904, fechou as suas portas. Um dos motivos apontados para o desfecho desse sonho escolar, mais uma vez: mexericos entre igreja e maçonaria. Não há esclarecimento público sobre o assunto, mas os atritos constantes registrados nos jornais, entre os franciscanos, particularmente entre o frei Pedro Sinzig, com a irmandade maçônica, conotam a desarmonia do ambiente. (NUNES, 2008, p. 150).

Se o Colégio São José contava com o apoio das famílias lageanas bem como com o apoio financeiro do município, por que teve vida tão breve? Uma possível resposta pode ser localizada na intensa querela que ficou registrada nas páginas dos jornais, que penso ter culminado com o fechamento do jornal católico, com a perda da equiparação do colégio franciscano e seu fechamento e, finalmente, com a transferência de Sinzig para Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 1907.

2.2 Sinzig na imprensa lageana – espaço de disputa.

Além da preocupação com a educação, outra questão assume importância fundamental para a Igreja nesse período: a imprensa. Formadora de opinião e potencializadora de ideologias, no Brasil no início do século XX a imprensa experimentou modernização e crescimento consideráveis, em um momento em que “Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração.” (LUCA, 2006, p. 137). Mesmo com altos índices de analfabetismo a Igreja tomou precauções com o que os católicos liam, principalmente com as publicações que não iam ao encontro daquelas aceitas por ela. A preocupação da Igreja com a “má imprensa” se reflete em documentos como a Carta Pastoral *Os abusos e males da imprensa*, de Dom Eduardo Duarte Silva (1852-1924), publicada em 1902, quando era então o Bispo de Goiás. Nela, o Bispo reconhece as maravilhas trazidas pela imprensa, tais como: a divulgação dos saberes científicos, as notícias do país e do mundo, o acesso aos livros, etc. Ao mesmo tempo destaca os malefícios que ela trouxe: o desrespeito à sagrada religião católica, os romances

impróprios, as folhas operárias, entre outras publicações. Dom Eduardo parece conhecer tecnicamente a imprensa, ao passo que cita nomes de máquinas e outras informações acerca da imprensa brasileira de início do século XX como se nota no trecho abaixo:

E realmente: se se pode definir um indivíduo qualquer pelo que habitualmente lê, igualmente se pode julgar da sociedade. (...) Ora, se assim é, como se há de julgar os homens e a sociedade atual, que quase que só alimenta-se do que mais venenoso vomitam os prelos, e sabe das ramas das *marinonis, alauzets, stephensons, minervas e libertys*? Que há de dizer dessa mocidade hodierna, ávida de prazeres mundanos, que educada pelos romances naturalistas, e acoroçoada pelos falsos apóstolos, lendo tudo quanto publicam esses livros e outros impressos, só pelo que anseia é por quebrar todos os vínculos das leis divina e humana?
 (...) A imprensa não cessa de dar à voracidade pública livros e mais livros, brochuras e mais brochuras, folhetos e mais folhetos, periódicos e mais periódicos. Qualquer lugarejo para ter foros de civilizado há de ter *ramas, rolos, galés, componedores, carampões* e uma velha e imprestável máquina, para publicar, nem que seja de seis em seis meses, um jornaleco qualquer em papel de embrulhar rebuçados e caramelos, e logo no artigo de fundo dar um programa retumbante em que prometa civilizar o mundo inteiro, e acabar de um só golpe com a velha e caduca religião de vinte séculos de existência. Não há dúvida: a imprensa é pois a rainha do século, que de seu trono de papel pretende dirigir a opinião pública, quase sempre desorientando-a. (SILVA, 1902, p. 46-49, grifos do autor).

Como bem reconhece o Bispo, a imprensa “é pois a rainha do século”, e os católicos deveriam utilizá-la também como ferramenta de ação católica. As paróquias deveriam mover esforços não só para catequizar, orientar e educar os fiéis, mas também ter suas próprias publicações. Deveriam indicar leituras adequadas aos fiéis, queimar a leitura considerada imprópria que poderia corromper famílias católicas:

Ouvi todos, queridos Diocesanos, estas últimas palavras que a perspectiva do perigo que ameaça vossas almas arranca do fundo do coração de vosso pastor. Se realmente amais e respeitais a religião, imitai os fiéis de Éfeso e deitai às chamas livros, folhetos, estampas e jornais que ludibriam, ofendem e insultam. Se amais a Pátria, não leiais o que chamado de mal ao bem, de bem ao mal, e em vez de honrá-la e engrandecê-la, a fazem precipitar de ignomínia em ignomínia. Se amais a sociedade, não assineis nem leiais jornais que tanto apregoam uma civilização, cujo resultado foi apenas o aumento de hospitais e prisões, e o acréscimo do número de suicidas e loucos.
 Se amais a família, não consintais que no Santuário do vosso lar doméstico penetrem essas leituras que, inoculando nas casas mais honestas a imoralidade, são uma das principais causas de tantos maridos traídos, tantas esposas abandonadas e tantas donzelas desonradas.
 Se amais as ciências e as letras, não apreciéis uma imprensa que não tem

feito mais do que corrompê-las. Se amais o bom senso e os bons costumes, exterminai novelas, romances, contos, poesias e jornais que são verdadeiras escolas de vício. Se amais tudo isso, mas ao mesmo tempo amais a leitura, lede o que produzem as penas castas, honestas, de bom gosto e de retas intenções. (SILVA, 1902, p. 60).

Essa mesma orientação terá Frei Pedro Sinzig, que ao chegar na cidade de Lages se envolverá na imprensa para defesa dos ideais dos católicos militantes do início do século XX: A boa educação, a boa imprensa, a defesa da sagrada religião, o combate a secularização da cultura, a obediência aos documentos publicados pelo alto clero. Não por acaso, “Duarte” será um dos pseudônimos adotados por Sinzig em Lages, como é possível notar no trecho:

O Duarte não quiz mais mostrar o focinho sujo e deitar a fallação outra vez. O Duarte, que tambem ja mostrou a calva é o mesmo Pedro Barulho que quer adoptar tambem o nome de Duarte Pedro Barulho Duarte. Veja só como um homem muda de casca assim sem dizer nada ao bispo. (O IMPARCIAL, 17 de Outubro de 1903, nº 21, p. 3).

No Convento de Lages, no ano da chegada de Frei Pedro à cidade, foi fundado o semanário *Cruzeiro do Sul* (1902-1905). Nesse periódico foram lançadas pesadas críticas à política local. Nele, Sinzig se opôs aos jornais maçônicos e, com frequência, sofreu retaliações, particularmente de *O Imparcial*:

Ainda não tinha passado um mez depois de minha chegada em Lages, quando foi tomada uma resolução que, executada, muito influiu na vida do convento e da cidade: a criação d'um semanario catholico, o *Cruzeiro do Sul*. Já existiam duas folhas semanaes na cidade, a *Região Serrana*, órgão official do partido reinante, e *O Imparcial*. As respectivas typographias não tinham sinão uma machina bem pequena, pois não havia meio de transporte sinão em cargueiro, nas costas de alguma mula, ou carregada por homens. Em uma destas typografias o *Cruzeiro do Sul* havia de ser impresso, até dispormos de officinas proprias. O provincial que me levára a Lages, escreveu o artigo de fundo e deu amplas informações sobre a orientação a seguir. Mal pensava eu que, com isso, começaria uma nova epoca em minha vida, de lutas e aborrecimentos, como não as sonhára até então. (SINZIG, 1971, p. 233-234).

O *Cruzeiro do Sul* era impresso na tipografia do jornal *O Imparcial*. Isso é possível afirmar pela declaração de Sinzig na citação anterior e de acordo com uma edição em que a folha maçônica parabeniza o *Cruzeiro do Sul* por seu primeiro ano de circulação:

A' 14 do corrente completou o seu primeiro anniversario o nosso collega local *Cruzeiro do Sul*. Impresso até o número do dia 13 nas nossas officinas, o collega passou a ser impresso desde então em typographia propria, apparecendo deste o primeiro numero do segundo anno com formato maior. Com o character de colleguisssimo, felicitamos o orgam clerical por seu primeiro anno de existencia. (O IMPARCIAL, 22 de maio de 1903, nº 100, p.5, grifos do autor).

O jornal *O Imparcial* foi fundado um ano antes do jornal *Cruzeiro do Sul*, especificamente no ano de 1901. Tratou-se de um periódico semanal, maçônico, constituído por quatro páginas, sem seções definidas e, a partir de 1902, passou a exhibir o texto em quatro colunas, diferente da edição de 1901, em três colunas. No topo da página o título em negrito e em caixa alta, abaixo dele a inscrição *Orgam popular hebdomadário* e as inscrições *redactores diversos* seguida por *Redactor-chefe: José Castello Branco*. A edição de 1901 traz as inscrições *Liberdade e Igualdade* abaixo de *Orgam Popular Hebdomadario*.

Alguns redatores assumem suas identidades, outros as omitem com a utilização de pseudônimos, principalmente quando fazem ataques aos católicos ou a algum nome proeminente da cidade. As seções que possuem conotação de crítica aos católicos locais, e caráter anticlerical são: *Chroniqueta*, *Diz-se por ahi...* e *Entretanto se vae se dizendo*. Os autores que assinam os textos, alguns com teor satírico, são: *Bispo VII*, *Padre Frei* e *Zé Violla*.

Nas páginas do *O Imparcial* também se registra uma publicação de humor como se fosse outro jornal, trata-se de *O Ingenuo – Orgam mexedor das mexidas – Redactores: Drs. Simplorio e Quenãoteimporta – Formados pelas difficuldades do Collegio São Tomè*. Essa seção tem por objetivo expor em tom de humor tudo que se passa no colégio São José, e, como o título diz, suas dificuldades. Não foi publicada com muita frequência, aparece de forma esporádica nas páginas do *Imparcial*.

O redator-chefe quando escreve algum artigo sempre assina como *Castello Branco* ou *José Castello*. O jornal também publica anúncios (de farmácias, de médicos da cidade, confecções, sapatarias, etc.) e chamadas para reuniões das lojas maçônicas. É possível notar, com menor frequência, obituários, e, com maior frequência, felicitações em ocasiões como casamentos, nascimentos, batizados, aniversários, titulações, entre outras. Conta com ilustrações em quase todos os números analisados.

O jornal *Cruzeiro do Sul* foi, inicialmente, impresso na tipografia do jornal *O Imparcial* e, posteriormente, na tipografia montada no colégio São José. Foi um periódico de

orientação católica, circulava semanalmente, todas as quartas-feiras. Os exemplares analisados permitem inferir que, diferentemente do *O Imparcial*, tinha seções definidas. Seu texto era disposto em quatro páginas e três colunas por página. No topo da está o número do jornal, nome da cidade e a data. Abaixo, está o título do jornal negrito em caixa alta, seguido de *redacção: Collegio S. Jose e Administrador: João P. Setubal* e por último a frequência de circulação do jornal *Orgam Hebdomadario*. As seções fixas, na ordem em que são publicadas, são:

- *Calendário* – Abre a primeira coluna do jornal, nela são publicados os dias dos santos e comemorações católicas daquela semana e das passadas.
- *Notícias* – Traz notícias da cidade de Lages e regiões vizinhas.
- *Revista do Exterior* – Traz notícias de outros países: Alemanha, França, Estados Unidos, etc.
- *Revista do Interior* – Traz notícias dos Estados brasileiros: Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, etc.
- *Folhetim* – Com colunas separadas no meio da página do jornal, traz semanalmente um novo conto, peça de teatro ou romance, publicados sempre em partes, com continuação na semana seguinte. Essa seção ocupa pelo menos metade da publicação.
- *Chronica* – Sempre assinada por “Esmeralda” conta algo que aconteceu nos dias anteriores.
- *A pedidos* – Seção geralmente assinada por Rath ou Setubal, os artigos são um tipo de resposta a alguma publicação do jornal *O Imparcial*.
- *Preços do Mercado* – Traz valores dos seguintes gêneros alimentícios: Açúcar (arroba), Fumo (arroba), Carne seca, Carne fresca (quilo), Toucinho (arroba), Batata doce (alqueire), Farinha de milho, Farinha de mandioca (40 L), Feijão, Milho (alqueire), Ovos (dúzia).
- *Anúncio*: Seção que fecha o jornal. Sempre traz um anúncio de produtos vendidos na Livraria Católica, como retratos, livros, papel, tinta, entre outros.

Algumas seções aparecem com menor frequência. São elas:

- *Sobre a mesa*: Trata dos jornais recebidos na redacção. Jornais de Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, etc. Da imprensa católica e da imprensa não católica.

Apresenta os aspectos técnicos do jornal (qualidade da impressão, do papel, etc.) e do conteúdo.

- *Livros e Jornales*: Realiza a crítica (nem sempre positiva) de livros e jornais em circulação, geralmente recém-lançados.
- *Óbito*: Como o nome diz, trata-se do obituário do jornal.

Nos artigos dos exemplares analisados de *Cruzeiro do Sul* não se localiza a assinatura de Pedro Sinzig. Os colaboradores que assinam artigos são João José Rath (conhecido advogado da cidade) e João P. Setubal. Outra redatora (ou redator que assina como redatora) utiliza-se do pseudônimo “Esmeralda”. Pseudônimos foram estratégias de Sinzig usadas quando na direção da revista *Vozes* de Petrópolis para aumentar o número de colaboradores. Possivelmente, a mesma estratégia fora utilizada pelo frei para manter seu anonimato no *Cruzeiro do Sul*, mas não revela o motivo de ter adotado tal procedimento. Mesmo assinando com pseudônimos, os redatores que escrevem contra Sinzig no *O Imparcial* atribuem a ele a autoria de diversos artigos do *Cruzeiro do Sul*, principalmente pelos erros de escrita, pois Sinzig não dominava ainda o idioma e por escrever trechos em latim. Pedro Sinzig recebeu dos maçons a alcunha de *Pedro Barulho*, e diversas vezes é citado assim em *O Imparcial*. Em *Reminiscências d'um Frade* (1917), Sinzig assume que foi o responsável por redigir o jornal *Cruzeiro do Sul*:

O *Cruzeiro do Sul*, que eu redigia, não era bem visto por todos, o que não pode surpreender. Havia mais dois semanários na cidade: *Região Serrana*, órgão do partido dominante, e o *Imparcial*, porta-voz da maçonaria. Esta última qualidade, aliás, cabia também ao órgão oficial, cujo redactor-chefe era promotor público e venerável da loja ao mesmo tempo. Frequentemente, o *Imparcial* dirigiu ataques ao *Cruzeiro do Sul*, o que era natural. (SINZIG, 1917, p. 241 grifos do autor).

O frade aceita ser natural os ataques dirigidos ao *Cruzeiro do Sul*. Natural que um jornal com a orientação católica, da Igreja romanizada, isto é, a forma mais conservadora do catolicismo, recebesse ataques de um jornal maçônico, a favor da secularização da cultura e das instituições, e, por isso, porta-voz do pensamento republicano. O *Cruzeiro do Sul* se posiciona como sendo um jornal clerical, e sendo clerical, segue a orientação da Igreja e de seus documentos oficiais, representa, nesse caso, a imprensa católica. Atua em nome do progresso, ao contrário do “jornalismo zombeteiro”:

O Jornalismo que dia em dia se espalha cada vez mais em todo o mundo e

por sem duvida um dos agentes principaes do progresso e civilização moderna. (...) Porem, assim como as ideas dos homens se dividem, umas tendendo para o bem e outras para o mal, assim tambem o jornalismo, dividio-se já, desde sua origem, em duas grandes categorias. Uma é a do jornalismo zombeteiro, aviltador, hypocrita, immoral, inimigo do progresso ainda que vomite a cada instante essa palavra; outra é a do jornalismo, que traz no seio os germens fecundados da sciencia, do progresso um verdadeiro bemfeitor da humanidade que enobrece o character. (CRUZEIRO DO SUL, 25 de junho de 1902, nº 7, p. 1).

O atrito entre as folhas era frequente, e o conflito atinge o ápice no ano de 1903. Tudo entra em pauta: críticas à maneira de pensar, de falar, de expor ideias, e no caso de Pedro Sinzig, *O Imparcial* não perdoa os erros ortográficos cometidos pelo frei. Em seu texto autobiográfico, Sinzig admite ter no *Cruzeiro do Sul* cometido erros de português, pela pouca familiaridade com o idioma:

Não tendo eu, então, plena segurança no portuguez, foram pilhados alguns erros, de que me fiz réu no Cruzeiro do Sul, e comunicados ao ministro do Interior, do Rio, como prova do ensino de portuguez no gymnasio que, para este fim, tinha professores leigos, brasileiros natos! (SINZIG, 1917, p. 245, grifos do autor).

Tendo o exposto de Sinzig, e levando em consideração que as folhas que circulavam em Lages eram redigidas por brasileiros, pode-se pressupor que as anedotas publicadas na edição 84 de *O Imparcial* fossem direcionadas a ele:

Um mocinho a um amigo:
— Empresta-me o teu dictionario?
— O que queres vê?
— Quero ver como é que se diz: — me espere de noite no corredor de *outro geito*.

Um sujeito á calinado, em um artigo que lia encontrou o seguinte:
— *Tolle grabatum et ambula*.
— Traduza, disse o outro.
— Quer dizer: Tolo de gravata é uma mula.
São duas anedoctas que apanhei para, si não acharem graça n'uma cousa, acharem n'outra, e si não acharem em nem uma, nem eu...
Zê-Violla. (O IMPARCIAL, 24 de janeiro de 1903, nº 84, p. 1, grifos do autor).

Algumas situações refletem contradições entre católicos e maçons, mas, ao mesmo tempo, confluências que explicitam a aproximação estratégica entre os grupos rivais: o jornal *Cruzeiro do Sul*, impresso em tipografia maçônica e a propaganda do colégio São José

ocupando espaço na página seguinte em que são feitas críticas ao jornal rival, anunciando o início do ano letivo no colégio católico:

Do Cruzeiro do Sul:

COLLEGIO SÃO JOSÉ.

Abrir-se-hão as aulas do anno letivo de 1903, a 16 de Fevereiro ás 8 horas da manhã.

Este estabelecimento de ensino secundario comprehende dous cursos differentes — Curso geral e Curso superior.

CURSO GERAL

O curso geral attende a todas as materias que exige uma instrucção secundaria e solida, para alumnos que pretendem seguir a carreira commercial ou agriculdar.

Divide-se o curso geral em 3 cursos annuaes.

1º Anno.

Historia sagrada, Doutrina christã, Arithmetica, Portuguez, Noções de Geographia e Historia, Calligraphia.

2º Anno.

Accrescentam-se a estas materias: Geographia physica, Historia patria, Noções de Zoologia e Botanica.

3º Anno.

Accrescentam-se a estas materias: Geographia politica e mathematica, Geometria practica, Historia Universal, Escripção mercantil, Noções de Physica, Chimica e Agricultura.

Nota: Ensinam-se tambem Linguas e Musica instrumental e theoretica a desejo dos paes.

CURSO SUPERIOR

O curso superior prepara os alumnos para os exames preparatorias e comprehende 6 cursos annuaes.

1º Anno.

Arithmetica, Geographia, Portuguez, Francez.

Alleão (facult.) Desenho.

2º Anno.

Algebra, Arithmetica, Geographia, Portuguez, Francez, Desenho, Inglez, Alleão (facult.)

3º Anno.

Geometria, Algebra, Geographia, Francez, Desenho, Latim, Alleão, Inglez.

4º Anno.

Trigonometria, Geometria, Algebra, Portuguez, Francez, Desenho, Inglez, Alleão, Latim, Grego.

5º Anno.

Mechanica e Astronomia, Physica e Chimica, Historia, Litteratura, Desenho, Inglez, Alleão, Latim, Grego, Francez.

6º Anno

Mathematica, Physica e Chimica, Historia natural, Geographia, Litteratura, Francez, Inglez, Alleão, Latim, Grego, Historia do Brazil, Logica, Desenho.

Nota: Dá-se tambem no Collegio a devida instrucção e educação religiosa.

Annexo ao Collegio acha-se um estabelecimento de ensino primário no qual

é dada a alumnos ocasião de prepararem-se theorica e practicamente ao professorado de instrucção primaria. Os alumnos internos pagam mensalmente 50\$000, fazendo se o pagamento em tres prestações adiantadas: no principio do anno escolar, aos 15 de Junho e aos 15 de Setembro. As mensalidades para os externos do curso primario são 5\$000; do curso secundario 15\$000. O regulamento particular para recepção dos alumnos internos manda-se a pedido.

A Directoria. (O IMPARCIAL, 24 de janeiro de 1903, nº 84, p. 2).

A edição de número 98 de *O Imparcial*, do dia 2 de maio, publicou, na íntegra, uma carta intitulada *Carta de um Camponio*. O texto ocupa quatro colunas do jornal, e o autor assina como *Alpheu, o hebreu*. Em resposta, publica-se na coluna seguinte outra carta, intitulada *Carta Serrana*. O colaborador do jornal, que assina como *Soberano*, atribui a autoria da primeira carta como sendo de *Sr. André Noirhomme, Digno Reitor do Colegio S. José*.

Na primeira missiva, o autor em tom de escárnio, escreve aos redatores para não se preocuparem com os insultos e as insídias clericais publicadas no *Cruzeiro do Sul*. A carta-resposta não deixa por menos: o diretor deve se preocupar com o processo de equiparação do Colégio franciscano ao Ginásio Nacional:

CARTA DE UM CAMPONIO

Ilustre patricio e amigo redactor-chefe d'«O Imparcial».

Eu por várias vezes, quando nessa cidade me tenho encontrado comvosco, prometti enviar os rabiscos contendo as impressões que me dispertam o fatos políticos-sociaes aos quaes na medida que vão desenrolando, vou tomando conhecimento, afim de V.S^a. dar-me o prazer de vel-os inseridos nas columnas do vosso lente e balisado hebdomadario.

(...) Antes de tudo, sr. redactor, julgo que umas ligeiras considerações sobre o papel da imprensa exerce no concerto universal, como propulsora do progresso e do adiantamento moral e intellectivo das massas, não virá fóra de tempo nesta missiva que tenho a lidima satisfação de vos estar escrevendo.

(...) Comparo o poder do Sol sobre o mundo physico, organico, com o poder da Imprensa sobre o mundo moral e espirital. Existe o Sol que vivifica a materia e existe o Sol que vivifica a alma. O primeiro é esse fóco igneo que vemos gravado no firmamento; o segundo é a folha de papel impressa que vemos por toda a parte e com avides a olhamos, com grande gaudio e satisfacção da alma. Para a imprensa exercitar a sua missão nobilissima de illuminar e pharolear a humanidade atravez dos meandros e urzes que inçam a estrada da vida dos povos, espancando as trevas que envolvem o presente, e despejando a jórros a luz sobre o futuro, baseada na logica do preterito, é myster que ella se faça ouvir em tudo e trate de tudo que affecta o bem geral. O guerreiro, em meio a lucta, esforça-se pela victoria, ambiciona os epinícios da gloria marcial. Leva o inimigo de vencida sobre montes e vales. O campo da imprensa e assaz diverso. Ella lucta, num desespero de morte, pela conquista, não pela conquista futil das armas, mas pela dos cerebros e

dos corações. Cada jornal, e uma sentinela avançada da lei —a sacerdotiza immacuada da egualdade-da justiça-o penhor da mesma lei ao exercício da liberdade— da liberdade—a segurança da dignidade civil, o penhor do progresso social.

(...) A Imprensa é nome generico, è um corpo, cujos órgãos são os jornaes, soldados dispersos por toda a parte onde os raios da civilização tem penetrado e brechado as brumas que o obscurantismo distende. Cada órgão da Imprensa tem a par do ideal que forma a obrigatoriedade da missão, um outro ideal proprio, um fim determinado. Por isso temos jornaes clericas, litterarios scientificos, politicos e os imparciaes que são aquelles sem filiação a principios de qualquer natureza.

(...) Os insultos que pelas columnas do jornal clerical vos tem sido vascolejado servirão, não para molestar-vos, mas para estimulo. As insidiazinhas e os venenos são a essencia dos louros.

(...) Sr. redactor. Por esta vez julgo já ter cumprido com o que vos prometti por minha expontanea vontade. Sinto, deveras, não possuir títulos e predicados que me dêem direito a acompanhar o vôo das aguias que voejam altivas pelo estadio das letras para vos dirigir cartas magistraes, destinadas a provocar verdadeiros sucessos. Valha-me a intenção apenas, visto que, em vez de cursar os bancos academicos, cursei o dorso suarento dos bucephalos, labutando na vida campezina. (O IMPARCIAL, 2 de maio de 1903. Ano 2 nº 98 p. 2-3).

CARTA SERRANA

Ao Revmo. Sr. André Noirhome, Digno Reitor do Collegio S. José.

Revmº Sr.

Saudo-o cordialmente.

Antes de escrever-lhe as linhas que seguem, consultei seriamente com os meus botões, fiz mesmo um pequeno exame de consciencia, se com a presente carta, por qualquer forma, não ia maguar a vossa Revma. ou mais alguém; e depois de meditar por algum tempo, cheguei a conclusão seguinte: — A minha carta não é mais do que o écho d'aquilo que se falla á bocca pequena ahi pelas esquinas e, portanto, se ha alguém culpado ou responsavel pelo que lhe faço sabedor, esse alguém com certeza não serei eu! Creio mesmo que, se o fosse o seu viver recluso e austero e as grossas dimensões das paredes mestras do Collegio S. José, já lhe teria chegado aos ouvidos alguns boatos que começam a circular com certa insistencia nas ruas da nossa pacata cidade, com referencia ao estabelecimento de educação de que sois digno Director.

(...) Que, devido as constantes luctas em que andam empenhados os seus collegas ahi do convento, contra os jornaes anti-clericas de nossa terra e tendo necessidade de saber ao certo o que se diz a respeito nas rodas commentadores, resolveram crear uma policia secreta para esse fim da qual disem, fazerem parte alguns alumnos do Collegio S. José! A principio, Sr. Reitor, isto parece ser muito grave.

Porem a cousa sendo estudada com calma, ve-se logo que estas reformas obedecem um plano calmamente estudado e finalmente posto em pratica. Vejamos se estarei enganado. O 1º quero crer que obedece um plano economico de alto alcance;

(...) O segundo deixa bem patente as grandes vantagens que tem os outros esse estabelecimento de ensino, de onde o discípulo sahe preparado não só theorica com praticamente, ao ponto de exercer o cargo de... policia secreta

por exemplo.

(...) *Quanto ao resto, deixa correr o marfim.* Agora, seja franco Sr. Reitor, não sou um homem atilado? Não fui o unico a adivinhar o plano de Vosso Revm., plano que eu entendo que está incluído nas bases que elevará o Collegio a Gymnasio?

Sr. Reitor; nós que sabemos dar o *nome aos bois*, pouco nos devemos importar que esse povo inconsciente vá fallando á vontade, porque o futuro se encarregará de mostrar que com estas reformas a cousa irá em marcha de carangueijo.

Respeitosamente aperta-lhe a mão o seu creado.

Soberano (O IMPARCIAL, 2 de maio de 1903. Ano 2 nº 98 p. 3, grifos do autor).

Os ataques cordiais dão lugar a tipos burlescos na folha anticlerical, com maior frequência de dois autores já citados, são eles *Bispo VII* e *Zé-Violla*. O trecho selecionado abaixo faz parte da sessão de humor do jornal. Trata-se de uma “comédia de teatro” publicada no *O Imparcial*:

O Engrossamento
Comedia em 2 actos

PERSONAGENS:

Pedro Barulho
Franciscano Ricken
Padre Liborio
João Barbudo
Emprezario
Adãozinho

Acto I

Scena I

Barulho (só) — Não sabe como diabo está este gente; eu tem muito vontade de fica respeitado como senhor Vidalsinho, minha amigue verdadeirra! uma amigue boa mesma com'elle. Mas este rapaziada me chama de Petra Barralha... (pausa) O! este não está nada; eu vae me pega co'nestes home que eu sempre ingrossa...

Vai faz tud'este chama a <<Imparcial de indecente....

Scena II

Ricken (entra com o lenço nos olhos) — O! meu amigo! Tenho chorado muito com a molestia do Papa....

Barulho — Sim; sim; eu vae vê uma coisa parra o senhor comer; eu traz tambem uma vinho de mél.,.

Ricken — Não è fome reverendo; estou sentindo que o papa morra...

Barulho — O' não faz mal; nós sempre faz procissão bonita!

Ricken — E eu sempre carrego a vara, seu padre?

Barulho — Como non?! a senhor póde carrega até tude'estes paus...

Ricken — Bem; então póde morrer quantos papas houverem...

Scena III

Liborinho — Moi, pater Petrus (olhando para Ricken) desculpa, minha senhorra Ricken; eu falla allemão, porque eu pesa estava só pater.

Ricken — Não ha duvida; nós todos somos amigos.

Liborinho — Senhorra Ricken, não viu este jornal que falla de mim? Eu está professora de portuguez, mas este folha não faz respeito pra mim! ...

Ricken — Não faça caso, isso è um jornal indecente...

Barulho — Sim está uma jornal ruim; nós ignorra, mais agorra eu vae ler escondido; não temos mais por quem mande róba no typogrphie...

Scena IV

Barbudo — Moi; oh! Senhorra Ricken! Como vae isso?

Ricken (todo adamado) — Bem, muito agradecido...

Barbudo — Eu venha aqui parra faz ver um coisa; Imparcial publica um artigo Perriga Allemão, e isso é uma calamidade parra nòs franciscanos!

Ricken — Perigo! Eu li, mas não comprehendi...

Barulho — E quem escreve este? Barbudo (mostra a assignatura)— Oh que mizerria (desmaia) — (Os outros assustam-se, champam agua na careca do padre, este volta e suspira.)

Todos — Mas o que foi? o que tem?

Barulho — Oh! Esta moço.... não quer fica da nossa lado... nós perde tud'elle... tudo, tudo!...

Ricken — Socégue, meu amigo; ha uma vingança; não dê a vara para elle carregar nas procissões...

Barulho — Não dá, não; e tambem não faz mais ingrossa con'elle. Mas... e a pae delle? a pai delle esta rica, está da conselho do municipio, e póde faz nos ganha tudo receita do anno.

Barbudo (suspirando) — E' uma calamidade! (resoluto, dá um murro na careca de Liborinho, pensando que dá na meza) — Não é nada! Cuzeirro pa fênte!

Ricken — E'; Cruzeirro pra ponta que eu, com o meu prestigio, dou as tintas por fóra.

Barulho — Eu vae bebe um pouco de vinho de mél; eu está muito nervoso. (sahe)

Scena V

Barbudo — Mas é uma padre bonito este Petrus!...

Ricken — E sympathico, não acha? (O IMPARCIAL, 18 de julho de 1903, nº 8, p. 2-3, grifos do autor).

A peça é longa, por isso foi selecionado apenas um trecho, mas a leitura permite inferir que estavam claras as intenções do jornal maçônico por meio de seu porta-voz “Zé

Violla”: não é o de fazer teatro, mas sim, de expor o conchavo entre a igreja e um empresário local. Foi possível somente a identificação de alguns personagens: *Pedro Barulho* é Pedro Sinzig, Padre Libório, um outro padre da paróquia, citado mais de uma vez no *O Imparcial*. *João Barbudo* é o advogado João José Rath, *Adãozinho* foi um personagem criado pelo jornal, trata-se de um ex-escravo pobre que aparece sempre nas colunas de humor e trata a desigualdade.

A peça repercutiu negativamente na cidade, talvez por esse motivo Zé Violla tenha sido silenciado nos números seguintes, provavelmente para agradar a opinião pública que não gostou do que foi publicado, os motivos não são explicitados no jornal. Bispo VII escreve:

Chroniqueta

Movimento na opinião publica e engrossamentos, é o que se tem dado. Pobre *Zé-Viôla*, que com as comedias não se tem sahido nada bem, engoliu o segundo acto da comedia que iniciou no n. 8.

Em Janeiro, já por causa de comedia, o illustrado franciscano Pedro Sinzig, muito digno vigario da Parochia, ageitou para que se furtasse da redacção uma exemplar e foi, gosando de seu prestigio, suplicar a supressão da comedia.

Pobre *Zé-Viôla*! Não te mettas em comedias porque ellas só têm espirito quando um grupo aprecial-as! Mettas a viôla no sacco e vá ao confissionario, requeira a presença do *virtuoso vigario*, sem fazer *barulho*, e canfessa-te dos peccados que te conduzirão ao inferno da escravidão onde já começas á habitar. *Bispo VII* (*O IMPARCIAL*, 1 de agosto de 1903, nº 10, p. 2, grifos do autor).

O silêncio pode ter sido imposto a Zé Violla, mas Bispo VII se mantém, e diz no número seguinte que não deixará de importunar o Frade Sinzig, como de fato o faz. Inicia falando de um erro de estilo cometido em artigo do *Cruzeiro do Sul*:

Chroniqueta

Morreu o Papa, diz o *Cruzeiro do Sul*. Faleceu o *Syrius*, disse o mesmo, ha tempo ja.

Morreu um homem santo e falleceu um animal!

Ora, eu trocaria o morreu pello falleceu; pois a sociedade, ou, melhor, o estylo obriga a isso. Mas como o chefe-redactor é sujeito talentudo, póde muito bem *fôr* estar certo.

(...) E com todas essas cousas, leitores, tenham paciencia; eu não posso deixar de fallar. Emquanto o Pedro Barulho *fôr seda* (vejam que *seda é léve*) eu não o largo; é meu chá brincar com elle. E' dos meus:— afoito, legitimo representante das doutrinas modernas — o engrossamento. E' um *lamãozinho* bom mesmo na regra.

E razões teve elle para ser padre, porque só assim pagará os beneficios que a natura lhe fez, fazendo o homem *virtuosissimo*. Pois si fora mulher, morreria

no primeiro parto, por ser afoito:— no mesmo momento em que dêsse á luz, sairia correndo á mostrar o filho, só para admirarem a habilidade talentosa de seu cerebro germanicamente correcto e engrossativamente ensaiado. Demais, elle ignora o badalo, e este não é de ferro! *Bispo VII*. (O IMPARCIAL, 6 de agosto de 1903, nº 11, p. 3, grifos do autor).

Sinzig diz ter ficado indiferente aos ataques semanais sofridos nas páginas do periódico maçônico: “Os ataques d'*O Imparcial* á minha pessoa tinham-se tornado habituaes. A principio, incommodei-me um pouco. Mais tarde, deixaram-me tão indifferente, que de facto nem lia *O Imparcial*, embora soubesse que em nenhum sabbado faltava a habitual verrina.” (SINZIG, 1917, p. 243, grifos do autor). O frade não exagera quando se refere a frequência com que é citado no jornal *O Imparcial*, pois de fato a folha lhe reservava duas ou mais colunas por número, não só a ele, mas também ao companheiro de escrita João Rath.

Em outubro de 1903 é publicado no *Região Serrana – Orgam do Partido Republicano Catharinense*, um artigo de Thiago de Castro, que faz severas críticas a Pedro Sinzig. O intuito está claro: defender-se, e execrar, desmoralizar publicamente o oponente franciscano e seu jornal. O *Imparcial* por sua vez, publica na íntegra o artigo da Região Serrana, apoiando assim o autor do artigo:

O IMPARCIAL

Transportamos para as nossas paginas, com a devida venia, o trabalho abaixo de dissecação moral com que na <<Região Serrana>> de domingo passado, o nosso disctinto amigo Thiago de Castro biographou frei Pedro Sinzig, desmoralisado vigario desta parochia. Reproduzindo esse trabalho, é nosso fim fazer conhecido por todos os assignantes e innumerous leitores o que pensa e o que quer a fradaria, afim de que previnam contra a empolgação d'esses exploradores da religião em proveito da pança e da *Ordem*.

Eis o artigo:

Por deferencia á importancia do assumpto, esquecemos o criterio jornalístico do <<Cruzeiro do Sul>>, e lançamos dois editoriaes, apelando para a dignidade da sua redação o expôr em termos claros as alusões grosseiras e pervilhas com que tem vindo recheiado—em agressão permanente a esta folha e a um dos seus redactores, Thiago de Castro. O nosso appello teve a solução que o publico já está acostumado a encontrar n'esse periódico: uma dejecção de phrases, sem alcance analytico, ao serviço da maledicencia proterva.

Eis porque transportamo-nos para esta pagina, ficamos aqui mais proximos do valor moral do nosso agressor e no logar em que elle mesmo escolheu para a arena d'esses debates.

(...) Quando Frei Pedro chegou aqui para assumir a direcção da parochia e do convento franciscano, encontrou tres cousas bem caracterisadas: uma grande sympathia official e particular pelo collegio S. José, um vigario estimado e uma loja maçônica em pé de prosperidade.

A' vesania de Frei Pedro, esse conjuncto representava uma monstruosidade e um perigo: a maçonaria não devia medrar onde a corrente sympathica

anunciava uma conquista facil e uma dominação gloriosa e lucrativa. Essa sympathia lhe pareceu, a elle, a evidencia incontestavel de um povo cathequisado pelos antecessores e prestes a render ao vigario o preto de um Deus, sob o temor de um inferno.

Mãos à obra! Não ha tempo a perder!

Aproveitando-se da lisongeira recepção que lhe foi feita, frei Pedro, sorriso aos labios, n'uma unção beata, iniciou duas medidas provisorias: para os homens de posição e fortuna—um aconchego familiar, uma apparencia de grande estima e maior consideração, uma infiltração suave do engrossamento; para todos os maçons uma delicada reserva e a suppressão dos actos prohibitivos do seu antecessor.

(...) O triumpho e o trabalho de sapa estavam circumscriptos á cidade; era mister leval-os até os confins da serra: creou o <<Cruzeiro do Sul>>—sciencia e religião.

Esperava-se um jornal de doutrina e de instrucção, superiormente acabado; logo revelou-se um orgão mundano com cheiro de sachristia e besuntos de engrossamento cohibitivo do legitimo elogio. Frei Pedro, radiante, julgou completa a machina e a illusão. Era tempo de destruir a loja maçõnica que continuava em bom pé; esse nucleo criminoso que serena e perseverantemente ia em alvo pela vereda archisecular das liberdades publicas.

(...) Mas engana-se frei Pedro. A illusão bateu azas, a mascara cahiu—e a miseria do ataque mostrou a miseria do atacante. A fartura provocou a indigestão—os olhos do povo estão hoje bem abertos e medem os passos de Frei Pedro. Quanto a Thiago de Castro, elle foi o que tem sido até hoje e ha de ser amanhã:—ataquem-n'o, vibrem-lhe todos os golpes, quantos queiram—porque elle nunca deixará o seu posto, onde quer que o colloquem, e isto elle tem provado por factos e não por palavras. (O IMPARCIAL, 24 de Outubro de 1903, nº 22, p.1, grifos do autor).

A celeuma entre os jornais se torna mais intensa quando o dono do jornal *O Imparcial* e redator-chefe José Castello Branco escreve uma série de epístolas direcionadas a Pedro Sinzig no mês de setembro no ano de 1903. A última epístola de Castello, em novembro de 1903, é dedicada ao frade Rogério Neuhaus, que de acordo com o autor, por defender publicamente Sinzig, não merece mais a consideração que lhe tinha até então:

VI EPISTOLA

Rev. frade Rogerio Neuhaus.

A consideração que de mim merecia a vossa pessoa, não sò pelo vosso coração caridoso, como pela convicção que mostrava ter de sua missão, fez com que bastante magoado ficasse este seu criado ao ler a vossa intervenção na questão que levantamos contra o indecoroso, baixissimo e supracismo da mais indecente perversidade, o frade Pedro Sinzig, vulgo Pedro Barulho, que, por desgraça de minha terra é o vigario da parochia.

Andou mal no tal protesto, meu frade; pois o facto de vossa firma em semelhante babuseira, fez com que v. revm., que não contava com nem um inimigo, conte agora pelo menos com um, que é esse vosso *sympathico* Zé Castello.

E' um inimigo que se vos apresenta, depois de tanto vos engrossar, só pelo

facto de v. revma., em seu protesto, dizer que é Deus o typo mais immundo que a natureza, em seus caprichos, *poz* no Universo, cujo nome é Pedro Sinzig.

O vigario é Deus!

Ora meu frade, até aqui eu vos tinha numa conta de homem bom e puro, não obstante saber que v. revma., quando mascateia o sacramento na serra, propala contra meu jornal, mas agora... prompto. Quem disser que o frade Pedro é gente que presta, nada mais merece de mim... è tão bom elle. Assim, fica, meu frade, prevenido de que, d'ora em deante, não vos relevo de certos pedacinhos.

Propale contra *O Imparcial* e, para melhor desempenho de vossa *nobre* taréfa, eu vos aconselho que deve dirigir-se ao vosso amigo o illustre tenente coronel do Estado Maior *major* Henriquinho que, por sua tem trabalhado para o mesmo fim e até, mais que vós, escreve cartas pedindo sonegação de collaboração ao meu e vosso muito interessado *O Imparcial*.

Juntem-se e vão abusando de vossas relações obrigadas, e trabalhem para a derrota do *Imparcial*. Mas, saibam de uma cousa: *O Imparcial* poderá quebrar, não por propaganda de meus adversarios, mas por um assassinato em minha pessoa, facto que prevejo no cerebro perverso de frei Pedro seus beocios sabugos—frades e frades de casaca. Se isso têm, pela traição, de que o frade se mostra dotado, pelo seu procedimento de cão larapio, ainda mais estou firme em meu presentimento, pelo facto da morte moral do individuo banido da sociedade sensata mas que, por castigo do inferno, de onde gerou-se frei Pedro, é director de um collegio de minha terra. Ahi tem, revmo. frade, a primeira para começar, consigo, pois que o meu idolatrado cadete, não obstante comer sal, está esfolado e cavocado por quantos póros tem.

Sou vosso irmão e fiel adorador. *José Castello*. (*O IMPARCIAL*, 21 de novembro, de 1903, nº 26, p. 3, grifos do autor).

No mesmo número é publicada uma nota sobre a desistência da equiparação do Colégio São José ao Ginásio Nacional:

EQUIPARAÇÃO

Consta-nos que a equiparação do Collegio S. José ao Gymnasio Nacional não passa de um projecto, devido ao facto de ter chegado ao conhecimento dos poderes competentes, que o professorado do referido collegio não é competente, principalmente em Portuguez.

De facto, em portuguez, os frades só têm revelado a absoluta ignorancia, e isso prova o modo por que é redigido o orgam clerical cuja redação é do collegio.

Allem disso, o exemplo perverso que tem dado o director do collegio, faz com que, embóra seja contra nós proprios, apoiemos a suspensão de tal ideia, ao menos enquanto não sahir d'alli o frade Pedro Sinzig, cujo character indigno não pôde ganhar o respeito que devem os alumnos ao seu director.

No pulpito, onde pregam todos os professores do collegio, já se pôde notar o quanto são bestificados, não só pela infinidade de assumptos e o módo porque pronunciam certas palavras, cujas phrases formam aos ouvidos os termos que até a moral manda calar. Lamentamos devéras si for suspensa a projectada equiparação, mas, ao mesmo tempo, julgamos que: *antes que o mal cresça corte-se a cabeça*. (*O IMPARCIAL*, 21 de novembro, de 1903,

nº 26, p. 4, grifos do autor).

Não só a desistência ao projeto de equiparação não se concretizou, como o Colégio foi fechado, e seu espaço físico transformado em hospital. Como dito anteriormente, a vida do Colégio dos frades franciscanos foi breve, mas ao que parece foi o suficiente para gerar uma série de acontecimentos na cidade. Em 1904 o Colégio fecha suas portas, em 1905 o periódico de Sinzig é suprimido por ordens superiores:

(...) Não obstante a isso, a luta, longe de arrefecer, tornou-se ainda mais accessa, por receiar a maçonaria local que a attitude do Cruzeiro do Sul conseguisse prejudicar a sua política, e particular as proximas eleições. Não tendo vencido em combate franco, recorreu a outros meios. A pressão dos políticos, por si só, não pôde impor silencio ao Cruzeiro do Sul. Perseguições pessoais, insultos e ameaças —tão pouco. Restava, pois, um meio unico: recorreram ao exc. senhor Bispo Diocesano, na ocasião em que este fazia uma visita á mais alta autoridade do Estado, que o cumulára de atenções. S. Excellencia Rev., para não ser descortez e não expôr á revelia interesses da Egreja, não teve remedio sinão transmittir aos superiores da Ordem as queixas levadas ás duas autoridades, civil e ecclesiastica.

(...) — Ou nenhuma palavra mais sobre a politica local, ou suspender a publicação.

A resposta foi rápida e unanime, de todos os religiosos:

— O primeiro seria trahir a sociedade honesta; escolhemos o segundo.

Dois longos artigos de explicação, salgados, um meu, outro do Rath, no último numero, a 29 de Novembro de 1905, e deixou de existir o Cruzeiro do Sul. Morreu de pé. (SINZIG, 1971, p. 250-251, grifos do autor).

A análise do *O Imparcial* permite concluir que a estabilidade da relação Igreja-maçonaria se abalou com as ações do frade Sinzig, que não possuía a mansuetude e habilidade de frei Rogério, vigário anterior que desfrutava da estima não só do povo lageano, mas da elite dirigente da cidade, ligada à maçonaria. Percebe-se a necessidade emergencial de eleger outro Vigário, e posteriormente, transferir Pedro Sinzig.

2.3 Sinzig em Petrópolis – estabilidade e sucesso editorial

No ano de 1906 o Capítulo Local elege outro frade para Guardião e Vigário do Convento de Lages, e no Capítulo seguinte, no ano de 1907 Sinzig é transferido para a cidade de Petrópolis. Sinzig relata que deixar um lugar onde se desenvolve um trabalho pode ser motivo de tristeza ou de alívio:

O estranho que, lá pelos fins de 1907 visitasse o convento dos franciscanos em Lages, talvez notasse certa anciedade no rosto dos frades, anciedade que se accentuava quando se ouvia a campainha da portaria. E' que, em Blumenau estava reunido o capitulo, para a eleição do novo provincial, e dos superiores locais, bem como a transferencia de outros religiosos, segundo as necessidades e conveniencias ahi manifestadas.

(...) Deixar, a simples aceno, logares onde se trabalhou durante annos, criando raizes de estima e afeicção inteiramente louvaveis, pode ser duro, como em outros casos *pode ser um allivio*, mas sempre interessa de perto. (SINZIG, 1917, p. 283, grifos nossos).

Em Petrópolis Frei Pedro Sinzig passará boa parte de sua vida. Dedicou-se a música e a arte sacra, e com muita intensidade à imprensa católica, quando se torna colaborador da revista *Vozes*; posteriormente, assume a chefia de redação, e, utilizando-se de alguns pseudônimos, aumenta o corpo editorial. Entre seus pseudônimos estão: “Francisco de Linz, João Brasil, João Bauer Reis e tantos outros pseudônimos que adotou para transmitir suas ideias.” (PAIVA, 1997, p. 46). Participa do II Congresso Católico Brasileiro, que de acordo com Dale (1985), ocorreu de 26 de julho a 2 de agosto de 1908. O primeiro ocorreu em Salvador, em 1900.

Em 1910 em viagem a Alemanha consegue dinheiro para a compra de uma nova máquina de impressão, substituindo assim a anterior, que já não supria a demanda de pedidos de novas assinaturas:

Cada numero das *Vozes de Petropolis* formava um fasciculo de 96 paginas, não contando capa, annuncios e suplemento musical. Destas 96 ou, contando tudo, 108 e mais paginas, a machina só imprimia de cada vez cadernos de 4 paginas, podendo fornecer por dia cerca de 5000 exemplares. Acabada a impressão, o serviço, em grande parte, parava, pela necessidade dos typographos e machinistas ajudarem na dobragem das folhas. Assim, descontando os domingos e dias santos, eram precisos cerca de 15 dias para fornecer um fasciculo aos 2.000 e tantos assignantes que as *Vozes de Petropolis* contavam então. (...) Registravam-se por dia, 1^{1/2} a 2 novas assignaturas. Ora, a machina não podia fornecer sinão determinado numero de paginas. Era, pois facil, calcular que o numero de assignantes em certo tempo se elevaria a uma cifra superior ás forças da machina de impressão. Teríamos, pois, de recusar novas assignaturas com a argumentação verdadeiramente unica: — A nossa machina não fornece bastante exemplares para attender a todos os pedidos. (SINZIG, 1917, p. 368 – 369).

A viagem havia sido bem-sucedida. Frei Pedro havia conseguido a soma necessária para modernizar a editora, e em outubro de 1910, após seis meses na Europa, retorna ao Brasil:

Foi na madrugada do dia 1º de Outubro de 1910 que o *Cap Arcona* se poz em marcha. (...) Commigo seguiam, no mesmo vapor, e todas ellas presentes de cathollicos allemães, a grande machina de impressão *Windsbraut*, uma complicada machina de costurar, para encadernação de livros; outra de dobrar folhas; um poderoso motor para pol-as todas em movimento; a transmissão necessaria; numerosos objetos menores como um excellente aparelho de projecção, caixões inteiros de livros e revistas, etc., etc. (SINZIG, 1917, p. 413).

A Revista *Vozes* conquista um corpo considerável de leitores, ao passo que o nome da Tipografia precisa ser trocado:

A fundação da revista *Vozes de Petrópolis*, em 1907, teve tamanha repercussão e aceitação que a editora onde era impressa ficou conhecida apenas como *editora das Vozes de Petrópolis*. Foi preciso reconhecer a situação criada e mudar o nome da *Tipografia da Escola Gratuita São José* para o de *Administração da Vozes de Petrópolis*, em 1911. (PAIVA, 1997, p. 40-41, grifos da autora).

O Centro da Boa Imprensa teria agora condições de alcançar não só a Ordem dos Franciscanos e a região sudeste do país, mas se propagaria também nas outras regiões. Iria de encontro à grande imprensa, a “Má Imprensa” conseguindo um número cada vez maior de leitores e colaboradores:

Os jornaes apontados por Christo como inimigos, são, muitas vezes, emprezas gigantescas. O que valerá contra elles o esforço individual? O Brasil, entretanto, em sua maioria, é catholico. A's suas forças congregadas não ha quem possa resistir. Foi para este fim que se organisou, em 29 de Janeiro de 1910, o *Centro da Bôa Imprensa*, director da *Liga da Bôa Imprensa*, estabelecendo a sua séde, a desejo de S. Em. o Sr. Cardeal Arcoverde, na cidade de Petropolis (Estado do Rio de Janeiro). Do florescimento da *Liga da Bôa Imprensa* em todos os Estados do Brasil depende a acção do *Centro* e, portanto, o triumpho da causa de Deus e a salvação e o bem estar da sociedade brasileira. (SINZIG, 1922, p. 5, grifos do autor).

O sucesso e o alcance da “Boa Imprensa” atende em parte o grande objetivo do clero brasileiro: o de “recristianizar” a sociedade corrompida pelos ideais do positivismo francês e do republicanismo brasileiro. De acordo com Wiazovski “O Centro da Boa Imprensa, sediado em Petrópolis constava entre os doadores de obras à biblioteca do Centro D. Vital.” (WIAZOVSKI, 2008, p.65-66). Pode-se dizer então, que a Boa Imprensa (que tem como principal órgão regulador o *Centro da Boa Imprensa – 1910*) lançará bases para o surgimento de outras entidades/organizações católicas com participação maciça do laicato, como a revista *A Ordem* (1921), do *Centro Dom Vital* (1922).

Considerações Finais

Ao final da pesquisa foi possível constatar que a participação de estrangeiros de Ordens Religiosas diversas foi essencial no processo de construção da identidade institucional da Igreja Católica no Brasil, especialmente a partir da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX. Na cidade de Lages, a Ordem dos Frades Menores (OFM) consegue apoio em seus projetos, dentre eles a implantação de um catolicismo de orientação romanizada em detrimento ao catolicismo de cunho popular, predominante na região. Além da implantação de um catolicismo aos moldes de Roma, consegue suporte financeiro para construção de igrejas e duas escolas. Encontra resistência por parte da maçonaria, constituída por membros da elite local, sendo a imprensa o principal meio de discussão e difusão ideias e projetos defendidos pela ordem franciscana.

Os conflitos travados na imprensa põem fim ao periódico fundado no Convento lageano, além do fechamento do Colégio São José, dirigido à época por Sinzig e fundado com apoio financeiro da maçonaria. Abalada a aliança formalizada entre a Igreja e a Maçonaria na cidade, o prédio do Colégio é transformado em hospital, e frei Pedro transferido para a cidade de Petrópolis, município fluminense.

Ao se estabelecer de maneira definitiva, Pedro Sinzig atua como escritor, musicista, tradutor e censor de livros considerados impróprios, em contrapartida, produzirá e indicará obras consideradas boas para gente de alma limpa. A pesquisa sobre a trajetória e atuação de frei Pedro Sinzig, desde a sua chegada ao Brasil até a transferência para Petrópolis, RJ, revelou que esse intelectual católico não mediu esforços para ocupar, de forma contundente, os campos que, tradicionalmente, a hierarquia e o laicato católicos consideravam estrategicamente essenciais: a imprensa e a escola. O estudo dessa trajetória foi relevante para o entendimento de um período crucial para o catolicismo brasileiro, desde o final do século XIX até as primeiras décadas do XX, momento histórico em que ficou evidenciada a transição de um catolicismo de perspectiva popular e, ao mesmo tempo, “desregrado” das amarras hierárquicas da instituição, para uma intervenção mais sistemática de um corpo de clérigos formado nos seminários e conventos europeus, obedientes à Santa Sé, desdobrando-se em terras brasileiras num catolicismo de face conservadora e intervencionista, prática bem-sucedida da Igreja católica.

Frei Pedro em sua atuação política e missionária se mostrou refratário a qualquer

manifestação contrária ao espectro dogmático e missionário da hierarquia católica. Partiu para a defesa desses princípios, utilizando-se das ferramentas que lhe foram oferecidas: a posição de vigário, em substituição do frade anterior, frei Rogério, que a pesquisa constatou negociar em demasia com os maçons lageanos; a direção do Colégio São José e, posteriormente, a própria tipografia do Colégio São José em Lages. Diante da resistência apresentada pela maçonaria, o fechamento de seu periódico aparentemente não colocou fim nos conflitos travados na pequena cidade, e sendo transferido para o Rio de Janeiro, finalmente obtém sucesso nos campos que lhe foram caros: imprensa e música.

As hipóteses iniciais se confirmaram: Sinzig fez parte de uma rede de intelectuais católicos, cuja atuação na imprensa, ofereceu condições para o surgimento de centros católicos, com participação do laicato, formando assim um outro quadro que interessava a Igreja. Registra-se na década de 1920 a criação de, pelo menos, dois desses centros: a revista católica *A Ordem* (1921) e o *Centro D. Vital* (1922), ambos no Rio de Janeiro. Estudos anteriores confirmam que com o aumento considerável do contingente, o laicato passa a atuar em outras instituições leigas especializadas, como foi o caso da *Associação dos Universitários Católicos* (1929) e o *Instituto Católico de Estudos Superiores* (1932).

Os periódicos analisados *Cruzeiro do Sul* (mesmo com um número reduzido de exemplares) e *O Imparcial* seguem como importantes documentos para compreender não só os conflitos e conchavos que a Igreja fez com Estado e sociedade civil, registram também uma sociedade em mudanças, com desejo em se instruir e urbanizar. A autobiografia de Sinzig utilizada como fonte secundária na pesquisa, se utilizada em cotejamento com outras produções, serve de instrumento para conhecer parte da história da Ordem dos Frades Menores: sua mentalidade no período, sua organização e movimentação no início do século XX.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Paula Maria de. *A Concepção de educação na Revista Vozes durante os debates da LDB (1956 a 1965): O período de Frei Aurélio Stulzer*. Dissertação. (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas: Editora Unicamp, 1999.
- BRUNORIO, Frei Róger. OFM. Glossário. In RÖWER, Frei Basílio. OFM. *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro: sua história, memórias e tradições*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CAES, André Luiz. *As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política (1872-1916)*. Tese. (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- CAON, Edézio Nery. *Estórias de minha cidade*. Lages: Sua Livraria, 1978.
- DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na primeira república*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- DALE, Frei Romeu Dale. O.P. (Org.). *A Ação Católica Brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- LEXICON: *Dicionário teológico enciclopédico*. Trad. João Paixão Neto, Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo (1876-1994). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NUNES, Sara. *Caso Canozzi*: Um crime e vários sentidos. Dissertação. (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. Sensibilidades e expressões religiosas. In: SOUZA, Rogério Luiz, OTTO, Clarícia (orgs.). *Faces do Catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008, pp. 137-157.

PAIVA, Aparecida. *A Voz do Veto*: a censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PIAZZA, Walter Fernando (org.). *Dicionário Político Catarinense*. 2ª ed. Florianópolis: Edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

RODRIGUES, Ana Maria Moog. Introdução. In: BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *A Igreja na República*. Coleção pensamento político republicano, vol. 4. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

RÖWER, Frei Basílio. OFM. *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*: sua história, memórias e tradições. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SANTA CATARINA. Biblioteca Pública do Estado. *Catálogo de jornais catarinenses*: 1850-1989. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1990.

_____. Biblioteca Pública do Estado. *Catálogo de jornais catarinenses*: 1831-2013. 2. ed. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/bibliotecapublica//arquivosSGC/DOWN_182251Catalogo_BPSC.pdf>. Acesso em 30 mai. 2014.

SANTOS, Maria Margarete. *Frei Pedro Sinzig* – o apóstolo da boa imprensa. Trabalho apresentado no I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: Casa

de Rui Barbosa. 2004. Disponível em <http://w.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/mariamargaretasantos.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2014.

SERPA, Élio Cantalício. Igreja e catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930). Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradutora: Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

WIAZOVSKI, Taciana. *O mito do complô judaico-comunista no Brasil: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)*. São Paulo: Humanitas, 2008.

Fontes

CRUZEIRO DO SUL. Orgam Hebdomadario. Lages: Redação Colégio São José, 1902.

EPISCOPADO BRASILEIRO. *Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro ao Clero e aos fiéis da Igreja do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Montenegro, 1890. In: BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *A Igreja na República*. Coleção pensamento político republicano, vol. 4. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

LEÃO XIII. *Humanum Genus*. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Leão XIII sobre a Maçonaria. 1884. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus_po.html> Acesso em 10 set. 2014.

O IMPARCIAL. Orgam Hebdomadario. Lages: Redactor proprietário José Castello Branco, 1901.

_____. Orgam Hebdomadario. Lages: Redactor proprietário José Castello Branco, 1902.

_____. Orgam Hebdomadario. Lages: Redactor proprietário José Castello Branco, 1903.

SILVA, Dom Eduardo Duarte. Os abusos e males da imprensa. Carta Pastoral de Dom Eduardo Duarte Silva, Bispo de Sant'anna de Goyaz. Uberada: Typographia do Correio Católico, 1902. In: LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (org.). *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Loyola, 1983.

SINZIG, Frei Pedro, OFM. *Reminiscências d'um Frade*. Petrópolis: Tipografia das Vozes de Petrópolis, 1917.

_____. OFM. *São Francisco de Assis e seu culto no Brasil*. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1926.

Anexos

Anexo 1. Exemplares analisados do Jornal *O Imparcial*.

Número do exemplar	Data
Número: 21	9 de outubro de 1901 (Ano I)
Número: 43	19 de março de 1902 (Ano II)
Número: 53	7 de junho de 1902 (Ano II)
Número: 77	6 de dezembro de 1902 (Ano II)
Número: 79	20 de dezembro de 1902 (Ano II)
Número: 80	1 de janeiro de 1903 (Ano II)
Número: 82	10 de janeiro de 1903 (Ano II)
Número: 83	17 de janeiro de 1903 (Ano II)
Número: 84	24 de janeiro de 1903 (Ano II)
Número: 90	7 de março de 1903 (Ano II)
Número: 94	28 de março de 1903 (Ano II)
Número: 98	2 de maio de 1903 (Ano II)
Número: 99	9 de maio de 1903 (Ano II)
Número: 100	22 de maio de 1903 (Ano II)
Número: 1	30 de maio de 1903 (Ano III)
Número: 2	6 de junho de 1903 (Ano III)
Número: 3	13 de junho de 1903 (Ano III)
Número: 4	20 de junho de 1903 (Ano III)
Número: 5	27 de junho de 1903 (Ano III)
Número: 6	4 de julho de 1903 (Ano III)
Número: 7	11 de julho de 1903 (Ano III)
Número: 8	18 de julho de 1903 (Ano III)
Número: 9	25 de julho de 1903 (Ano III)
Número: 10	1 de agosto de 1903 (Ano III)
Número: 11	6 de agosto de 1903 (Ano III)
Número: 12	15 de agosto de 1903 (Ano III)
Número: 13	22 de agosto de 1903 (Ano III)
Número: 14	29 de agosto de 1903 (Ano III)
Número: 15	6 de setembro de 1903 (Ano III)

Número: 16	12 de setembro de 1903 (Ano III)
Número: 17	19 de setembro de 1903 (Ano III)
Número: 18	27 de setembro de 1903 (Ano III)
Número: 19	3 de outubro de 1903 (Ano III)
Número: 20	10 de outubro de 1903 (Ano III)
Número: 21	17 de outubro de 1903 (Ano III)
Número: 22	24 de outubro de 1903 (Ano III)
Número: 23	31 de outubro de 1903 (Ano III)
Número: 24	07 de novembro de 1903 (Ano III)
Número: 25	14 de novembro de 1903 (Ano III)
Número: 26	21 de novembro de 1903 (Ano III)
Número: 27	28 de novembro de 1903 (Ano III)
Número: 28	5 de dezembro de 1903 (Ano III)
Número: 29	12 de dezembro de 1903 (Ano III)
Número: 30	19 de dezembro de 1903 (Ano III)
Número: 31	26 de dezembro de 1903 (Ano III)

Fonte: O Imparcial, 1901-1903.

Anexo 2. Exemplos analisados do Jornal Cruzeiro do Sul.

Número do exemplar	Data
Número 5	13 de junho de 1902 (Ano I)
Número 7	25 de junho de 1902 (Ano I)
Número 9	9 de julho de 1902 (Ano I)
Número 11	23 de julho de 1902 (Ano I)
Número 12	30 de julho de 1902 (Ano I)
Número 13	4 de agosto de 1902 (Ano I)
Número 17	3 de setembro de 1902 (Ano I)
Número 32	17 de setembro de 1902 (Ano I)
Número 33	24 de dezembro de 1902 (Ano I)

Fonte: Cruzeiro do Sul, 1902.

Anexo 3. Obra literária de Frei Pedro Sinzig - Romances e contos

Título	Local e editora	Ano	Páginas
Ramalhete de flores.	Santa Catarina: Coleção Literária.	1907	288p.
Não desanimar!	Petrópolis: Vozes.	1ª ed. 1911, 2ª ed. 1912, 3ª ed. 1925.	264p.
Ai! meu Portugal!	Petrópolis: Vozes.	1913	382p.
Violetas.	Petrópolis: Vozes.	1913	-
Guerra!	Petrópolis: Vozes.	1915	567p.
Os nossos escritores.	Petrópolis: Centro da Boa Imprensa.	1917	78p.
Para sobremesas. Palestras e contos.	Petrópolis: Centro da Boa Imprensa.	1918	319p.
O chocolate.	Petrópolis: Vozes.	1921	74p.
Pela mão de uma menina.	Petrópolis: Vozes.	1921	246p.
Reminiscências d'um frade.	Petrópolis: Tipografia das Vozes de Petrópolis.	1ª ed. 1917; 2ª ed. 1925.	425p.
Tempestades: o bolchevismo por dentro.	Rio de Janeiro: Tipografia Mendes Júnior.	1931	316p.
O Nazismo sem máscara: fatos e documentos. (Sob o pseudônimo de João Bauer Reis).	Rio de Janeiro: L. A. Josephson.	1938	348p.
O Zepelim e o cão de casa.	Petrópolis: Vozes.	1938	248p.
De automóvel para o céu.	Rio de Janeiro: Guaíra.	1943	-

Fonte: PAIVA, Aparecida, 1997. p. 177.

Anexo 4. Obra literária de Frei Pedro Sinzig - Manuais e compêndios musicais

Título	Local e editora	Ano	Páginas	Outras informações
Benedicite.	Petrópolis: Tipografia Frederico Puster.	1898	184p.	(Manual de cânticos sacros em Português e Latim, com um apêndice de orações.
Sursum corda.	Regensburg: Ed. Pustet.	1900	44p.	Coleção de cânticos sacros em Português e Latim.
Cancioneiro de modinhas populares.	Friburgo: Ed. Herder.	1901	90p.	
Cecília. Manual de cânticos sacros.	Petrópolis: Vozes.	1910	-	(É a fusão de seu livro Benedicite com o Cecília de Frei Basílio Röwer).
Os segredos da harmonia desvendados singelamente.	Petrópolis: Vozes.	1ª ed.1918; 2ª ed.1921; 3ª ed.1937.	184p.	
Sei compor. Guia despretençioso através do contraponto, da imitação e fuga das formas de composição musical.	Petrópolis: Vozes.	1ª ed.1918; 2ª ed.1928.	263p.	
O organista. Tratado teórico prático de aprender harmônio e órgão.	Kevelaer: Ed. Butzon & Bercker.	1927	-	
A jóia do Cantochão. Manual para cantores	Düsseldorf: L. Schwann.	1930	108p.	

organistas.

O Brasil cantando.	Petrópolis: Vozes.	1937	-
Sei tocar.	Petrópolis: Vozes.	1944	-
Pelo mundo do som. Dicionário musical.	Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Ltda.	1947	613p.
Canto Gregoriano.	Rio de Janeiro: Ed. Musical.	1950	118p.

Fonte: PAIVA, Aparecida, 1997. p.178.

Anexo 5. Obra literária de Frei Pedro Sinzig - Arte sacra

Título	Local e editora	Ano	Páginas
Arte cristã.	Petrópolis: Centro da Boa Imprensa.	1917	300p.
Maravilhas da religião e da arte na igreja e no convento São Francisco da Bahia.	Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico.	1933	360p.

Fonte: PAIVA, Aparecida, 1997. p. 178.

Anexo 6. Obra literária de Frei Pedro Sinzig - Imprensa e Boa Imprensa.

Título	Local e editora	Ano	Páginas
A caricatura na imprensa: contribuição para um estudo histórico-social.	Petrópolis: Vozes.	1911	114p.
O dia da Boa Imprensa.	Petrópolis: Centro da Boa Imprensa.	1918	96p.
A obra do Centro da Boa Imprensa durante o ano de 1913.	Petrópolis: Vozes.	1914	40p.

Fonte: PAIVA, Aparecida, 1997. p. 178.

Anexo 7. Obra literária de Frei Pedro Sinzig - Biografias e vidas de santos

Título	Local e editora	Ano	Páginas
O taumaturgo Santo Antônio, na história, na lenda e na arte. Editado em homenagem ao centenário da independência do Brasil.	Petrópolis: Centro da Boa Imprensa.	1922	162p.
Frei Fabiano de Cristo.	Petrópolis: Vozes.	1ª ed. 1924; 2ª ed. 1928; 3ª ed. 1938.	84p.
São Francisco de Assis e seu culto no Brasil.	Gladbach: Ed. Kuehlen.	1926	176p.
Santo Antônio. História de seu convento no Rio.	Petrópolis: Vozes.	1931	76p.
Frei Rogério Neuhaus.	Petrópolis: Vozes.	1ª ed. 1935; 2ª ed. 1939.	620p. (1ª ed.) 676p. (2ª ed.)
Um apóstolo de nossos dias. Resumo da biografia de Frei Rogério Neuhaus.	Petrópolis: Vozes.	1936	-
Dona Rosa. Contribuições para a vida de uma senhora da sociedade.	Petrópolis: Vozes.	1ª ed. 1940; 2ª ed. 1952.	271p. (1ª ed.) 296p. (2ª ed.)
Entre dois mundos: Teresa Neumann, a Estigmatizada de Konnersreuth.	Kevelaer: Butzon & Bercker.	1930	222p.

Fonte: PAIVA, Aparecida, 1997. p.178.

Anexo 8. Obra literária de Frei Pedro Sinzig - Devocionários e livros religiosos.

Título	Local e editora	Ano	Páginas
Ao céu! Orações e leituras para esposos.	Kevelaer: Butzon & Bercker.	1924	336p.
Catecismo em cânticos.	Fortaleza. (Editora não indicada).	1927	-
Meu guia para o céu.	Fortaleza: Casa Editora Católica.	1928	-
Manual de orações para crianças.	(não indicado).	(não indicado)	120p.
Meu devocionário. Leituras e orações.	Kevelaer: Butzon & Bercker.	1919	320p.
O presépio do São Francisco.	Petrópolis: Vozes.	1929	-
O mês de Maria e a folhinha.	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.	1942	-
Breves meditações para todos os dias do ano.	Petrópolis: Vozes; (1ª ed.) Regensburg: Frederico Pustet. (2ª ed.)	1908 (1ª ed.) 1909 (2ª ed.)	412p.

Fonte: PAIVA, Aparecida, 1997. p.179.

Anexo 9. Obra literária de Frei Pedro Sinzig – Traduções.

Título	Local e editora	Ano	Páginas
Jahrbuch der suedbrasilianischen Franziskanerprovinz.	Petrópolis: Vozes.	1911 (1ª ed.) 1913 (2ª ed.) 1914 (3ª ed.)	268p.
Nelizinha do Santo Deus, de Biehlmeyer.	O.S.B.Frib: Herder.	1913	-
Jahrbuch der suedbrasilianischen Franziskanerprovinz.	Freiburg: Herder.	1921	200p.
José Ben David. Conto bíblico do tempo de Cristo, por Henriqueta Brey.	Petrópolis: Vozes.	1925	184p.
A jovem castelã, por Henriqueta Brey, segundo a lenda da idade Média.	Petrópolis: Vozes.	1925	92p.
Viva Cristo-Rei!	Petrópolis: Vozes.	1930	-
Amor Santo. História dos dias antigos de Assis por Helene Christaller.	Petrópolis: Pró-luce.	1933	322p.

Fonte: BEUTENMÜLLER, Leonila Linhares, 1955. p. 204-205.

Anexo 10. Publicações periódicas de Frei Pedro Sinzig - Fundou e dirigiu

Periódico	Outras informações
Cruzeiro do Sul	Semanário. Lages, Santa Catarina. (1902-1905).
Sineta do Céu	(A autora não oferece maiores informações).
Beija-Flor	Revista infantil do Centro da Boa Imprensa.
A Resposta	Centro da Boa Imprensa.
A Tela	Revista cinematográfica. Centro da Boa Imprensa.
A União	Incorporada ao Centro da Boa Imprensa.
A Voz de Santo Antonio	Rio de Janeiro, 1934.
Por Cristo	Rio de Janeiro, 1937.
Música Sacra	Ed. Vozes, 1941.
Orfeão Brasileiro	Rio de Janeiro, 1948.

Fonte: PAIVA, Aparecida, 1997. p.180.

Anexo 11. Publicações periódicas de Frei Pedro Sinzig - Dirigiu

Periódico	Local de publicação
Vozes de Petrópolis	Petrópolis.
Eco Seráfico	Petrópolis.
Orbe Seráfico	Bahia.
Almanaque do Mensageiro da Fé	Bahia.
Excelsior	Rio de Janeiro.

Fonte: Fonte: PAIVA, Aparecida, 1997. p.180